

REVISTA
DE
Arte e critica
SERIE 2.^a

Fasciculo n.º 5

A VE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU. MAIO DE 1900

CHRONICA



EM a minima sombra de acinte, mas apenas porque as circumstancias a isso me levam, aqui venho eu tambem dar o meu contingente para a questão feminista, hoje felizmente muito discutida neste nosso cantinho, dizia a *Folha* que — mercê da *Ave-Azul*...

E a verdade é que, mal a Directora d'esta revista começou nas suas *Chronicas* a tractar este assumpto (que lá fora, diga-se, já não tem nada de novo...) da emancipação da mulher pela instrução e pelo trabalho, para logo começaram outros jornaes e revistas do paiz a ponderar os prós e os contras da questão, como se aquella *Chronica*, inspirada ou provocada por um largo e espirituoso artigo do illustre poeta e philosopho Mr. Sully Prudhomme, tivesse sido... a pequenina faisca que por vezes ateia um grande incendio. Veja-se: — simultaneamente ou quasi, a *Tribuna*, que Deus haja, publicava sobre o mesmo assumpto um largo artigo do Rev. Senna Freitas, cuja contestação, inserta nesta revista, ficou sem resposta — como não podia deixar de ser, dada a levesa com que S. Rev. abordara o assumpto: erros de datas; absurdos de logica;

contradições flagrantes; verdadeiros disparates; uma coisa que nem parecia de quem, como S. Rev., tem de ha muito honrosos credits firmados de padre illustrado, orador notavel e polemista de temer. Mas, se nem elle nem nenhum dos que parecia terem, por camaradagem e outros motivos, obrigação moral de lhe attenuarem sequer o desastre, veio a publico, de viseira erguida, acceitar o cartel que o auctor d'estas linhas a elle e a todos lealmente enviara, nem por isso deixaram de nos assoviar aos ouvidos os zargunchos arremessados, de recochête e da sombra, pelos *vacondeus* machos ou femeas, de saias ou sem saias, que no *Mundo Catholico* (?) desejam a mulher ignorante e ociosa pela mesma rasão porque o soldado mercenario deseja a continuação da campanha e a praça desprecitada e sem armas... (1).

1) E a proposito:—a *Resposta* que a Redacção do *Mundo Catholico* nos dá (apesar de nos não querer honrar (!) com resposta... Lembra o *era não era* esta infantilidade, pois não lembra?...) a *Resposta* da dicta Redacção faz-nos lembrar as seguintes linhas que Diderot escrevia a Voltaire em 1766:

— *Je sais bien qu'ils nous imputent leur désordre parce que nous sommes seuls en état de remarquer leurs sottises... Je sais bien qu'ils en sont venus au point que les gens de bien et les hommes éclairés leur sont et leur doivent être insupportables...*

Deve ser isso: e pois, até ha motivo para lhes agradecer os insultos: vindos de quem veem, honram, que não deslustram.

Mas nessa *Resposta* afirma se ter nos sido enviada uma «carta extensa» com «resposta irrespondivel» (!) e ainda um compendio de civilidade (de que civilidade?... a do seu uso, d'elles, não nos serve a nós, pois que ella lhes ensina a caluniar e a mentir...) e, devolvido, (vejam que delicadesa a d'elles!) o n.º da *Ave-Azul* que tiveramos a lealdade de lhes enviar. Ora o mais engraçado do caso (e por isso é que vem aqui esta nota) o mais engraçado do caso é que nada d'isso recebemos até hoje, 15 de maio: e, como o triplice extravio, sendo possivel, não é sequer provavel, mais uma vez, até prova em contrario, estamos no direito de dizer que a Redacção do *Mundo Catholico* mente aos seus leitores, fanfarronando... como *valente!* *Sic valeas*... E para qué a mentira infantil, ou melhor, estúpida? para qué?! Para gritarem que *não existe pois cobardia!*... Pois quem tal havia de pensar?!... Cobardia?! cobardia não ha: o que ha é arrojo digno de arrocho—na mentira como na calunnia: «em harmonia, dizem, os tartufos! com os principios religiosos, etc»! E toda essa farçolada alvar, toda essa tartufice revoltante, toda essa *Resposta* dada a quem elles dizem não ser digno de resposta (*quos Deus perdere...*) vem em seguida a uma *Luctuosa* em que commemoram a morte d'um homem que «nitidamente cumpriu os deveres de caridade» e a coroar umas tantas paginas que abrem com o retrato e elogio d'uma senhora que elles saudam com o epitheto de *saneta*...

Como diabo ha-de a gente tomar a serio aquella gatinha do *Mundo soi-disant Catholico*?!...

C. de L.

Alem da *Tribuna* porem, e do *Mundo Catholico*, outras revistas se teem occupado e promettem occupar-se da momentosa questão: a *Arte* e a *Educação Nacional*, por exemplo, e ainda, recentemente, a propria *Folha*, e a *Chronica* de Lisboa, annunciando artigos da sr.^a D. Angelina Vidal sobre o *Feminismo*...

Ora a verdade é que, antes de Beatriz Pinheiro, já outros escriptores, e escriptoras, como, por ex: as sr.^{as} D. Alice Pestana e D. Anna de Castro Osorio, tinham, em jornaes da capital, larga, calorosa e proficientemente — pois como não ser assim?! — apostolado a elevação e emancipação da mulher e exactamente por aquelles dois meios — os unicos: instrucção e trabalho: essa honra lhes cabe e por tal motivo aqui lhes rendo, em meu nome e no de Beatriz Pinheiro, os devidos louvores.

Parece pois, que, se as primeiras vozes, como de precursoras no nosso meio, passaram despercebidas, não porque não gritassem alto e bem claro, mas unicamente porque o publico ou não attendeu ou não entendeu, já o mesmo se não poderá dizer agora, e ainda bem — apesar de todos os pesares! E' pois a hora: aproveitemol-a. Está o ferro quente: bata-mol-o: verguemol-o: afeiçoemo-lo ao ideal que nos fulgura na mente.

E bem hajam quantos para a grande obra da redempção feminina contribuirem com a sua parcella de energia, de talento, de alma!

E aqui venho eu, como já disse, dar o meu contingente...

Andam por ahi os anti-feministas a prégar que a mulher nasceu para agradar e para amar: que deve mas é cuidar de parecer bem e de enxugar com os seus beijos as perolas de suor, e tudo o mais, da frente do homem: isto pregam, isto clamam os anti-feministas. São padres sobretudo, o que de véras me surprehende. Se fossem os outros homens, se fossem os homens, que procuram uma esposa e que, por tal motivo, se receassem da emancipação feminina: se fossem os paes de familia que teem filhas e que, por tal motivo, não vissem com bons olhos a emancipação feminina: se fossem em-

fim os outros homens, os homens que luctam pela vida e que, por tal motivo, calculassem na emancipação feminina uma concorrência que os prejudicasse: emfim, vá que estivessem no seu direito: eram homens que queriam ser maridos: eram paes de familia que tinham filhas: eram trabalhadores que não queriam ver cerceados os seus interesses: não tinham fundamento as apprehensões dos primeiros; era mal entendido o zelo rotineiro dos segundos; os calculos dos ultimos eram calculos egoistas: tudo isto é verdade: mas vá que estivessem no seu direito de gritar em altos brados e de erguer as mãos aos ceos, ao verem eminente uma nova ordem de coisas no ideal semeado hoje para fructificar, como ha-de forçosamente fructificar, em realidade amanhã! Mas não: são padres, que nem têm que se recear da esposa emancipada, nem tem filhas por cujo futuro curtam cuidados, nem modo de vida em que a mulher lhes possa vir fazer concorrência—destinados, por via de regra, a viverem desoppressos dos encargos da familia—quem préga que vae ahí o diabo, se a mulher deixa o toucador pela livraria e troca o aliaz facil mister de enxugar com beijos etc. as gotas de suor, e tudo o mais, da frente do homem—pela ardua tarefa de ganhar a vida honradamente pelo seu trabalho, como todo o ser dotado de rasão e de tal dote digno.

Isto pregam os anti-feministas, sobretudo alguns padres. . .

Eu, que não sou padre, mas que sou (*como toda a gente*, no dizer do poeta) bacharel formado em Direito, venho aqui dizer que julgo de toda a conveniencia que as portas da Universidade se franqueiem de vez e completamente ás senhoras que possam e queiram formar-se em qualquer faculdade, exceptuada a de Theologia, desde que passe a estar, como devia, a cargo dos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Prelados da Egreja Lusitana.

Eu, que não sou padre, mas que sou, e muito me préso de ser, professor d'instrucção secundaria, venho aqui dizer que julgo de toda a conveniencia que as senhoras, desde que devidamente habilitadas, possam concorrer não só ás cadeiras d'instrucção primaria, como já se lhes permite, mas ás d'instrucção secundaria e superior.

Eu, que não sou padre, mas que sou, e, para o ser dignamente, estudo e trabalho, homem de letras, venho aqui dizer que julgo de toda a conveniencia que as senhoras, quando para tal se sintam com vocação, cultivem as boas-lettras e as bellas-artes e as altas-sciencias, mesmo.

Eu, que não sou padre, mas que sou, e, de o ser me sinto feliz, chefe de familia, venho aqui dizer que julgo de toda a conveniencia que a mulher receba instrucção equal á do homem e seja como o homem preparada para o trabalho honesto e lucrativo; e como pae que já sou, venho aqui declarar que, se tiver uma filha, só morrerei tranquillo e satisfeito, depois de lhe ter dado a instrucção compativel com as suas faculdades e uma profissão adequada ás suas aptidões, profissão e instrucção que lhe garantam a subsistencia, quando eu lhe falte.

E, pois que os anti-feministas, sobretudo padres (oh! a superbia dos *sabios* que, com umas tinturas de preparatorios e a forçada e apressada instrucção theologica, se apresentam como infalliveis e inexcediveis, os *sabios*!) gritam aos quatro ventos que a mulher só sabe cuidar de enfeites e nada dá e nada pode dar nas sciencias e mesmo nas lettras e nas artes: eu, que, como director d'uma revista de arte e critica, estou melhor informado, do que elles parecem estar, do movimento scientifico, litterario e artistico da hora presente, venho aqui dizer-lhes que estão redondamente enganados: que a mulher pode, como o homem, e, em certos generos e sob certos pontos de vista, melhor ainda do que o homem, dar-nos bellas e grandes e boas obras, nas lettras, nas artes, e mesmo nas sciencias.

E provem que me engano: que, quanto a mim, vou já provar-lhes que se enganam elles.

*

* *

E seja, em primeiro logar, nas sciencias, visto ser para as sciencias que menos aptidões lhe concedem.

M.^{me} Clémence Royer:—Esta senhora, considerada hoje sem contestação o primeiro cerebro da França, acaba de publicar, em volume de 800 paginas, sob o titulo de—*La Constitution du monde: Dynamique des atomes*—o resultado de quarenta annos de meditações e de calculos sobre o grande problema da materia, do qual apresenta, pela primeira vez, uma solução racional.

A *Ave-Azul* já deu aos seus leitores um summario d'esta extraordinaria obra: e a ella de passagem se referiu Beatriz Pinheiro no seu ultimo artigo sobre a Emancipação da Mulher pela instrucção e pelo trabalho.

Não é uma critica, nem sequer uma apreciação, d'obra de tal magnitude, que, occupando-me d'ella agora, me proponho fazer: insensatez fôra: e eu, graças a Deus, sou regularmente sensato. Os anti-feministas, sobretudo padres, que lh'a façam, 'provando assim a sua tão apregoada, e por vezes tão desautorizada, superioridade intellectual...

Quanto a mim, conscienciosamente declaro que, nem depois de quarenta annos de estudo sobre essas oitocentas paginas que á sua auctora custaram quarenta annos de vigalias, me supusera competente para julgar, não do seu valor scientifico, mas do seu rigor philosophico. E' innegavelmente uma grande, uma superior, uma extraordinaria *obra de sciencia*:—será tambem uma triumphante, uma irrefutavel, uma definitiva *obra de philosophia*?...

A's palavras de Democrito:—*A verdade está no fundo d'um poço*—a auctora acrescenta:—*Pois vão lá procural-a*—: e foi o que ella fez: desceu ao fundo do poço a procurar a verdade á luz da razão: achal-a-ia?...

Eu só sei dizer-lhes que lhe li já o *Prefacio* e a *Introdução*, aquelle refutando, e concludentemente, o asserto, que tão bem soava aos ouvidos dos indolentes e dos fracos, da fallencia da sciencia; esta, criticando e comparando, com surpreendente erudição, todas as hypotheses sobre a materia, desde os jonios até aos mecanistas modernos. Folheei o resto: e li ainda, e interessado e empolgado e num arripio d'enthusiasmo, como se fôra uma extranha obra d'arte e não um tra-

ctado de sciencia, a oitava e ultima parte—*A evolução do mundo*—, de cujo ultimo capitulo—*O futuro da Terra e o fim do Mundo-solar*—por accessivel a todas as intelligencias, desde que medianamente illustradas, será dada uma versão quanto possivel fiel, neste ou no proximo fasciculo da *Ave-Azul*.

E' o que sei dizer-lhes. O resto que lhes eu aqui podia dizer, já os leitores, curiosos, da *Ave-Azul* o sabem pelo sumario a que acima alludi:—a hypothese sobre que M.^{me} Clémence Royer alicerça a sua theoria explicativa dos phenomenos da materia, em opposição á hypothese epicurista do atomo solido, é a do atomo fluido, expansivo e repulsivo, supprimindo o vacuo no universo, e cujas vibrações elasticas bastam para explicar todos os phenomenos sensiveis do calor, da luz, da cor, do som, bem como as do olfacto e do gosto. A signalar:—na 6.^a parte, a solução nova do problema da gravidade, com uma traducção algebrica da formula newtoniana da gravitação universal, que, supprimindo a hypothese mecanicamente impossivel da attracção, faz derivar de causas thermicas os movimentos sideraes. E ainda:—na 7.^a parte, uma nova theoria das marés; na 8.^a parte, novas hypotheses—e estas pode bem ser que não seguras, mas por sem duvida muito accitaveis, e, sobre tudo, d'uma elevação que me deixou literalmente abysmado—sobre a evolução dos astros, a criação e a destruição dos systemas cosmicos, a origem e o fim do nosso mundo solar.

E agora, os antifeministas, sobretudo padres, que tanto teem depreciado a intelligencia da mulher e apregoado a sua falta de aptidão para as sciencias, leiam esse livro e fallem depois: custa 15 francos e sahiu da casa-editora *Schleicher frères*, 15, Rue des Saints-Pères, Paris.

Provada assim a possibilidade de nos dar a intelligencia da mulher obras de sciencia eguaes ou superiores ás que a intelligencia do homem tem produzido até hoje—e isto, com uma obra da ultima hora e de tanto alcance—: superfluo fôra aduzir provas da sua unanimemente reconhecida capacidade pa-

ra trabalhos artisticos e litterarios: digo unanimemente reconhecida, porque, se algum antifeminista a põe em duvida, é que positivamente não sabe que hade dizer e ainda menos sabe o que diz: é pois, sem voto na questão.

Aqui tenho eu á mão um elegante volume de versos encantadores e um bello romance de largo folego, interessantissimo: *Irideszenze* se intitula o primeiro, e firma-o a distincta poetisa siciliana, Diana Toledo, directora da excellente revista quinzenal *Sicilia Moderna* que se publica em Catania: o segundo intitula-se *Pour Noémi*, e é seu auctor Marguerite Poradowska, escriptora laureada, de reputação europeia, com mais seis romances publicados, entre os quaes *Le mariage du fils Grandsire*, traduzido para inglez, *Yaga*, traduzido para allemão, e *Les filles du Pope* e *Demoiselle Micia*, traduzidos ambos para allemão e este para polaco tambem, ambos coroados pela Academia.

Do volume de lyricas *Irideszenze*, de Diana Toledo, porque a Directora da *Ave-Azul*, neste ou no proximo fasciculo, lhe fará apreciação larga como merece, só direi que é todo um coração de mulher, a amar e a sonhar, a amar e a sangrar, por umas tantas dezenas de paginas, com espasmos amorosos que lembram Santa Theresa e vôos lyricos que lembram Sapho—a irmã mais velha de ambas, misera victima genial de todos os Phaons, desde o que, no seu tempo, lhe despresou o amor, aos que, em todos os seculos, lhe têm, debalde! calumniado a gloria.

Do romance, *Pour Noémi*, direi mais, porque me parece de molde a umas reflexões sobre a questão que ora me traz interessado.

Educada num convento pela madrinha, a Marechala, que della faz depois a sua distracção de velha mundana impenitente, Noemi, a protogonista d este romance, é... porque não dizel-o? um exemplar perfeito da mulher, como a querem e sonham e affeicôm e exaltam os antifeministas:—«a companheira encantadora do nosso itinerario»; «a borboleta ligeira, graciosa e brilhante»; mais do que «anjo e demonio alternativamente», anjo e demonio simultaneamente; quer dizer: *sim-*

plesmente genial, como dizia a Marechala que toda nella se revia.

Pois é por uma mulher assim que no romance todos se sacrificam e todos sacrificam tudo. O pae sacrifica-lhe a filha que tivera da primeira mulher; a mãe sacrifica-lhe a honra do marido; André sacrifica-lhe o seu sonho de Arte; e finalmente, Malva, a irmã, sacrifica-lhe o seu amor, a sua boa fama, a sua felicidade, a sua vida.

E que faz ella de tantas victimas ?

Immola-as, soberamente desdenhosa, á sua coquetteria, á sua vaidade, á sua insaciavel ambição de fazer figura, de dar nome, de se tornar celebre...

— «Je suis un oiseau de haut vol, moi !... Il me faut les «grands espaces... mon ambition est insatiable, et je serai «quelqu'un... Comment ? je l'ignore, mais on parlera de moi «un jour...»

A isto chegara aquella encantadora Noemi, formosa e frivola, seductora e egoista, mas formosa, mas seductora, cujos maus instinctos, herdados, é certo, da mãe, a educação conventual não corrigira e o convívio da Marechala levava ao ultimo apuro.

Para que a tinham educado ?

Para ser um encantador passatempo:— *Cette enfant m'amuse! elle m'est nécessaire.*

Pois ahi estava ella agora a fazer dos outros o seu passatempo tambem:— *J'aime... à être aimée!*

Era a desforra.

D'instrumento de prazer tornava-se instrumento de pesar. Pandora abria a bocêta...

Tinham-a ensinado a tirar partido da sua belleza: tinham exigido d'ella que agradasse, que divertisse, que não fizesse nada senão rir...

Ah! elle é isso?!... pois agora o vereis!

E afinal é o brutamontes do velho Ostoya que apresenta a moralidade do romance... se me permitem que d'uma obra d'arte se tire moralidade:

— «L'inaction est nuisible aux jeunes femmes. Un grand

«saint, que je relis volontiers: Jean, surnommé Bouche d'or, «a dit: *Une femme oisive est un fardeau que la terre porte à regret!*

Parece que os padres anti-feministas conhecem pouco a mulher... e ainda menos a Patrística!..

Fallei muito já da moral do *Pour Noémi*: da sua arte é que nada disse ainda. Também que dizer-lhes da arte com que está escripta esta historia d'amor com paginas que fazem chorar ainda aquelles que já de ha muito esqueceram o sabor das lagrimas? Que o seu estylo é d'uma rara simplicidade, commovendo pela verdade, pela naturalidade, pela paixão em summa de que o sentimos como que repassado? que os seus typos, sobretudo o de Noemi, de Malva e de André, foram como que apanhados em flagrante, magistralmente recortados, perfectos? que o scenario em que se desenrollam as peripeccias do romance como que contribue, pelo seu exotismo, para que ellas mais fundo se nos gravem na imaginação? Dizer-lhes isto... Para quê— se eu já lhes disse que a auctora era uma escriptora feita, que triumphou de todas as difficuldades da Arte logo aos primeiros passos, porquanto o seu segundo romance *Demoiselle Micia* foi coroado pela Academia e achasse esgotado?...

Não: prefiro dizer-lhes, em vez de tudo aquillo que é a pura verdade, isto, que não é menos verdade também:—O *Pour Noémi* é um romance de perto de tresentas paginas que eu li sem despegar, d'uma assentada, numas tantas horas de serão que eu reputo das bem passadas e melhor aproveitadas.

Ao illustre poeta, Mr. Marc Legrand, a quem devo a offerta do volume, e o prazer d'essas horas portanto,— os meus cordealissimos agradecimentos.

Quem me tenha visto abonar a capacidade intellectual da mulher com obras de senhoras estrangeiras, pudera talvez persuadir-se de que não as temos, em Portugal, que bem justifiquem o asserto de que a mulher, tanto como o homem, e, em certos generos, mais e melhor do que o homem, pode,

nas sciencias, nas artes e nas lettras, tornar-se notavelmente prestadia, dando-nos grandes e bellas e boas obras. Pois não ha tal: temol-as e os proprios anti-feministas, mesmo padres, são os primeiros a render-lhes homenagens. Lembra-me agora que o proprio Rev. Seina Freitas fallava, no seu artigo da *Tribuna*, nas «paginas boas, sadias, tão deliciosas como despreziosas que nos encantam por vezes nos livros masculos de D. Maria Vaz de Carvalho». . . Não é ella a unica: outras, como ella, pelos seus escriptos se têm notabilisado em Portugal e lá fóra: de duas se tem occupado por vezes a *Ave-Azul* com justissimo elogio: as sr.^{as} D. Anna de Castro Osorio e D. Alice Pestana (Caêl). Pois é d'esta ultima ainda e da sr.^a D. M. Amalia Vaz de Carvalho tambem, que, para concluir, lhes quero fallar agora: e d'esta, primeiro que d'aquella, por ser a primeira vez que se me offerece ensejo de apreciar na imprensa livro seu.

Em Portugal e no Estrangeiro (Ensaio critico): assim se intitula um grosso volume que da sr.^a D. M. Amalia ha tempos editorou a Parceria Antonio M. Pereira.

Claro está que não vou dar-lhes a *grande novidade* de que estas tresentas e cincoenta paginas denotam na sua auctora uma intelligencia cultivadissima e um conhecimento perfeito e um accuradissimo uso da lingua que temos a dita de fallar e que poucos anti-feministas conhecem e usam como ella.

A sr.^a D. M. Amalia sabe muito, e sabe muito bem o muito que sabe: por isso escreve muito — e muito bem.

Porque convençamo-nos, todos nós os que nos votamos (estava em dizer — botamos) ás lettras: para se ser escriptor não basta saber-se escrever: é preciso, e primeiro que tudo, saber-se o que se ha-de escrever. E' uma verdade á M.^r de la Palisse: mas que querem? ha d'estas verdades assim bannaes, assim comesinhas, assim verdadeiras, que é preciso repetir a cada passo e a cada canto, de muito que as vemos despresadas ou esquecidas.

Saber bem o que se ha-de escrever é (sei-o, infelizmente, por experiencia) a primeira condição para bem escrever.

A sr.^a D. M. Amalia é um documento vivo d'esta verda-

de, como o é, e incontrastavel, do muito de que é capaz a intelligencia feminina.

Quanto ao seu livro *Em Portugal e no Estrangeiro*, reedição em volume de artigos de critica publicados em jornaes de Portugal e do Brazil, se lhe não augmenta os honrosos creditos, é certo que brilhantemente lh'os confirma uma vez mais. A sua *Segunda parte*, sobretudo, é curiosissima: foi-o para mim pelo menos, que nella li e aprendi muita coisa que ignorava ou de que apenas tinha umas vagas ideias. Destaco ainda, d'essa 2.^a parte, os capitulos intitulados — *As amigas de Balsac* — *Renan e Ma Soeur Henriette* e mais que todas as consagradas a *Sophia Kowaleusky*, professora da Universidade de Stockolmo, a quem a *Academia das Sciencias* de Paris conferia, em dezembro de 1888, o premio Bordin, em concurso cujo programma fôra proposto debalde, durante seis annos consecutivos, pela Academia de Berlim. A sr.^a D. M. Amalia, que não é, como soe dizer-se, uma feminista, fecha essas paginas com estas linhas:

— «O sexo feminino deve consideral-a (a *Sophia Kowaleusky*) como uma das suas mais puras glorias...»

O volume fecha com umas cincoenta paginas consagradas a *Ibsen e á sua obra*: e não são das menos instructivas nem das menos interessantes tambem.

De resto, applaudindo-lhe, com todas as veras o talento e a obra, é certo que nem sempre me conformo com o seu modo de ver: não significa, como ella diz do Ibsen, que eu faça *minhas* as ideias d'este e doutros livros seus com cuja leitura me tenho distrahido e instruido. A sr.^a D. M. Amalia, que no estylo se nos revela um homem, a fazermos juiso pelas palavras do Rev.^o Senna Freitas, numa coisa se nos revela mulher:—conhece, como ninguem, os Homens do seu tempo: e sabe, como ninguem, dizer coisas que lhes agradem.

Não é isto fazer-lhe censura: é simplesmente dar rasão das minhas restricções.

Uma coisa ha porém, em que eu não ponho a minima restricção:—é em apresentar a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de

Carvalho como um nobre exemplo do muito, e muito bom que nas letras nos pode dar uma intelligencia de mulher.

Mas não é ella a unica: e aqui tenho eu os *Commentarios á vida* da sr.^a D. Alice Pestana (Caiel), dos quaes, já agora (para rematar, que não é sem tempo) direi muito de fugida as minhas impressões.

Metade do volume, umas sessenta e tantas paginas, é a exposição dos males que vão minando as hodiernas sociedades e, sobretudo, a hodierna sociedade portugueza. Dar-lhes remedio — *that is the question*.

Pois a outra metade do volume resolve a questão. A auctora «attribuindo-os, em grande somma, á divergente educação dos dois sexos e á forçada abstenção da mulher», encontra a *chave do problema* na *ingerência da mulher no problema social*, como entendia Jules Bois quando escrevia: *La société future ne sera régénérée que par le concours conscient de la femme*.

E cita de Dona Concepción Arenal, (a cuja memoria, como *homenagem á sua bellissima e immorredoura obra social* e a Theophilo Braga, como *genial architecto da civilização portugueza integral*, a obra é consagrada) estas linhas para cuja transcripção peço venia:

«Lo primero que necessita la mujer es afirmar su personalidad, independiente de su estado, y persuadirse de que, «soltera, casada, ó viuda tiene deberes que cumplir, derechos que reclamar, dignidad que no depende de nadie, un trabajo que realisar, e idea de que es una cosa seria, grave, la vida, «y que, si la toma como juego, ella sera indefectiblemente juguete.

E se lhe gritam:—*Utopias!* aponta dois grandes males atacados de frente pela mulher: o alcoolismo e o militarismo...

«Non moins que la justice, diz Louis Frank, l'intérêt social «bien compris, commande d'ailleurs à l'homme d'avoir recours à la coopération des femmes pour détruire ces fléaux «jumeaux: l'alcoolisme, la débauche et le militarisme.

Utopias?!...

Pois sim:— *Le progrès*, escreveu Fr. Passy, *n'est pas autre chose que la série des utopies réalisées.*

«Eleve-se a mulher, escreve a distincta escriptora, eleve-se a mulher, se se quer fazer obra social duradoura e forte. «Eduquem-se todos os individuos, homens e mulheres, para a «independencia da razão equilibrada e para a consciencia inflexa do dever social. Então, poderá haver esperança de re-«habilitação para as nações abatidas. De outro modo não.

E seguem uns quatorze ou quinze capitulos que são para serem muito lidos e muito meditados: dentre os quaes, como documento da importancia de todos elles, cito os intitulados: *Liga do trabalho feminino portuguez: Depravação do gosto portuguez: Pontualidade — alicerce do character: Fraternalisação dos povos: Liga das mulheres para o desarmamento internacional: e, finalmente. o Analphabetismo — Intervenção feminina*, que fecha com estas linhas que deixo á meditação dos anti-feministas:

«E nesta santa campanha contra o analphabetismo, em que «a mansidão é o lemma, e a dignidade da consciencia nacional «é a causa e o fim, a mulher portugueza adestrar-se-ia nobre «e proficientemente para a fruição das largas prerogativas e «das não menores responsabilidades com que num futuro muito «proximo, hão-de dotal-a os modernos codigos sociaes.

E perguntava a sr.^a D. Alice Pestana ao illustre publicista sr. Teixeira Bastos se teria interesse, publicada em volume, esta serie de artigos?!

Brilhantemente lhe respondeu elle, na carta que vem como *justificação do livro*, e donde, na impossibilidade de a transcrever toda, recortó estas linhas a que, como a toda a carta e ao livro todo, dou plenissimo assenso:

«Felizmente V. Ex.^a, vencendo os preconceitos da sociedade portugueza, que ainda só excepcionalmente comprehende que a mulher se dedique ás letras, ás bellas artes ou ás sciencias, demonstra que é para o sexo feminino, tanto como para o masculino, um dever inilludivel o interessar-se pelo bem commum, pela solução das questões sociaes, pelo aperfeiçoamento moral, intellectual e physico das novas gerações.

E uma coisa quero ainda dizer:—é que este livro devia ser muito meditado por todas as senhoras portuguezas...

Porque eu creio tambem que d'ellas depende, em grande parte, dar remedio a tantos males: e para levarem a cabo essa gloriosissima tarefa, essa missão redemptora, este livro de *Commentarios á vida* ser-lhes-ia o melhor dos conselheiros.

A questão era lerem-o, meditarem-o, realisarem-o.

Houve uma senhora que o escrevesse:—já não é pouco...

Houvesse mil que d'elle fizessem o seu programma...— e seria tudo!

CARLOS DE LEMOS.



SALLA DE VISITAS

De *MARIA VELLEDA*:

TROVAS PARA ACALENTAR

(A Dona Beatriz Pinheiro)



Hei-de ir nas azas da brisa
Cortar um retalho ao Céu
P'ra fazer uma camisa
Ao filho que Deus me deu.

Para vestir-lhe o corpito
Tão rosado e tão aéreo,
Só acho digno o mysterio
D'essas gazes do infinito.

Quando a tua voz murmura,
Tão debil, tão pequenina,
E' como se a luz divina
Me doirasse a noite escura.

E essa voz — que é um encanto
De auroreal melodia —,
Leva a minh'alma num canto
Aos pés da Virgem Maria.

Que manso arroubo celeste!
Que doce alegria calma!
—E' uma igreja a minh'alma
Depois que tu me nasceste.

E' uma igreja a minh'alma,
Cheia de sol e de amor;
Bem dita seja esta palma
Do meu martyrio, Senhor!

De Mr. PHILÉAS LEBESGUE :

SONETS



NIRVANA

A Beatriz Pinheiro

Tant d'horreur sur la mort, tant d'ombre sur la vie
 Ont blessé mes yeux fous d'un doute surprenant :
 Si tu ne me rends pas la foi qui m'est ravie,
 O Dieu, rends-moi l'oubli, qui fait vivre en dormant !

Croire, agir ? A quoi bon qu'on cherche ou qu'on envie ?
 Donne-moi le sommeil ineffable et clément,
 Hors de toute douleur qui brise ou défie,
 Loin de tout ce qui trompe et de tout ce qui ment ! . . .

Qu'importent les désirs et qu'importent les joies ?
 Je n'ai souci des jours à venir, quels qu'ils soient :
 Me dissoudre en bonheur pour les autres me plaît.

Je ne veux rien savoir, n'ayant rien qui me tente :
 Que mon âme s'éteigne impassible et contente,
 Eparpillée en pluie apaisante de lait !

30 Avril 1900.

SYMBOLE

A Carlos de Lemos

Elle disait tout bas, se renversant un peu,
Les cheveux dénoués, les seins gonflés, le souffle
Vibrant comme le râle ardent d'un cœur qui souffre,
Elle disait tout bas: «Je t'aime plus que Dieu!

«Laisse-moi me pâmer dans ton baiser de feu :
«Mon âme désormais ne craint plus les brûlures,
«Pasteur, que le troupeau de mes désirs élurent :
«Prends-moi, je t'appartiens toute, selon ton veu!»

Mais Lui, la dédaignant après l'avoir séduite,
Et satisfait d'avoir dévoilé son front blanc,
La laisse sur le seuil du vieux cloître, interdite,

Et — s'enfuit. L'air est plein de son rire insolent ;
Il s'enfuit sans pitié des larmes de la vierge
Que l'horreur de son rêve inassouvi submerge!

2 mai 1900

D'amour et de songe

A J. Agostinho d'Oliveira

Je sens passer le vol des mornes Destinées,
Sur mon front incliné pour demander pardon ;
La voix de Job gémit jusqu'en mon abandon,
Et le dégoût de vivre a flétri mes années.

Adieu, fiertés d'hier, en hâte profanées :
 O mes rêves d'amour, je vous en fais le don!
 Et si le ciel est noir, qu'importe ? Chantons donc
 Pour rythmer le sanglot des heures condamnées :

J'ai fait ce que j'ai pus sans savoir où j'allais ;
 J'ai cherché sans trouver aux vivaces reflets
 D'éclairs mystérieux allumés dans la nue.

Du moins, j'ai recueilli, sur le sentier jaloux,
 Cette vérité simple et toujours méconnue
 Que tout bonheur profond laisse l'homme á genoux !

La Neuville-Vault (Oise) : le 3 mai 1900.



De Mr. ARY RENÉ D'YVERMON :

LE PROGRÈS

à l'Ave-Azul

La lumière se fait. L'esprit humain s'élève.
Ce qui semble aujourd'hui n'être encore qu'un rêve,
Demain aura fait place à la Réalité :
Au fond de l'horizon qui grandit et s'épure,
On voit un point vermeil franchir la brume obscure
Et s'approcher de nous avec sérénité.

La lumière se fait. Le Progrès se dévoile ;
Chaque jour il déchire un pan du sombre voile
Qui le tenait dans l'ombre et dans l'obscurité.
Astre magestueux il plane sur le monde ;
Il l'éclaire, il l'échauffe et dans son sein féconde
Le germe de la Paix et de la Liberté.

Calme, fort, et puissant un noble instant le mène ;
Impalpable, il jaillit de la pensée humaine,
Comme l'éclair du front de la Divinité.
Il règne en conquérant sur la nature entière,
Il commande à l'Idée, il régit la matière
Qu'il anime aux rayons de sa vive clarté.

Il surgit de partout, partout il se révèle,
Accomplissant son œuvre immense et solennelle,
Œuvre de foi, d'amour et de rédemption.
A son approche tout renaît et se réveille :
Chaque jour la pensée enfante une merveille
Et dérole un secret à la création.

Le voici ! Regardez ! Il grandit, il avance,
Comme un torrent fougueux, il déborde, il s'élance,

Quoique l'on fasse, rien ne le peut retenir :
Il passe, et devant lui, s'abaissent les barrières,
Devant lui tour à tour s'écroulent les frontières
Du vieux monde qui semble enfin se rajeunir.

Il traverse, il franchit les siècles d'âge en âge,
Armé d'un soc d'airain, traçant sur son passage,
Le fécondant sillon des moissons à venir.
Son souffle tout puissant, ardent et salubre,
Dissipe chaque jour les ombres de la terre
Et dévoile à nos yeux un splendide avenir.

Des révolutions détournant les tempêtes,
Il éclaire la voie aux fécondes conquêtes
Des sciences, des arts et du génie humain ;
Et les peuples enfin, guidés par sa lumière,
Un jour se ralliant à la même bannière,
Unis, se comprendront et se tendront la main.



A TORRE

(Continuação)



CAPITULO V

Não! Não! Seria uma infamia ou uma loucura, em todo o caso vergonha, o atirar para si Helena, aproveitar-se da ingenuidade infantil com que ella o recebera, para leval-a de encontro a todas as ideias sociaes a ser sua amante, d'encontro a todas as considerações sensatas a ser sua mulher.

Pobre ella, pobre elle ainda mais, vivendo da vergonhosa soldada, que a más horas lhe pagava o governo, apenas uns insignificantes fóros, que lhe tinham apparecido e que seriam absorvidos num vestido de noivado.

Não! Não! Toda a energia de que ainda podia dispôr levantava-se dentro d'elle—alma pura, que roçara pela lama mas que sahira limpa — a protestar contra essa loucura, que era uma infamia, contra essa infamia que era uma loucura.

A's vezes appareciam, como numa escura noite a tragedia d'um raio a brilhar tortuoso e sinistro, os olhos tristes de Helena, como duas luas negras de naufragios, e de incendios, —Volupia, dichroma—negro e vermelho, treva e sangue, olhos d'anjo revoltado e vencido.

Como no pavor d'alguma cilada proxima, todo o seu corpo tremia, e na escuridão do quarto, abria os olhos a querer ver para fóra, um caminho que o deixasse fugir da hallucinação que representava dentro florestas de desejos e de tentações, com arvores que tinham braços e prendiam, com flores que tinham boccas e beijavam.

—Não! Não! protestava, como num vomito, alguma coisa de immaculado, que, tal uma preciosissima joia, elle guardava no mais invisivel e profundo de si mesmo. Mas sentia abrir-se

a porta, alguém debruçar-se d'olhos illuminantes sobre a sua cabeça e os mesmos beijos quentes, d'uma bocca fina, que de tarde o haviam coberto de felicidade, placar-lhe o rosto de laminas de fogo, que queimavam voluptuosamente.

Erguia-se então, empurrava o vacuo e ia espreitar a janella, onde a noite apparecia, negra, rumorosa de vento por sobre os eucaliptos, que se curvavam, d'onde em onde um trillo agudo, estridente, de rouxinol. Abriu as cortinas e deitou-se, á espera da manhã.

Menos espessa, a treva consentia que os corpos se sacudissem, tomando formas extranhas, movendo-se, articulando-se como pessoas, e outra vez a bocca na sua pelle queimou beijos de sangue e fogo coados atravez d'uma bocca fina, que tinha um perfume quente.

A principio indecisa, como se uma nevoa branca rodeasse as coisas, a manhã foi clareando, fresca. Da estrada vinham gemidos de carros, que os boieiros traziam, vagarosamente.

Começou o uivo monotono e plangente do moinho.

Como uma onda que sobe ao encher-se a maré, até certa altura e atraz outra vem mais alta, e outra, e outra, sempre mais alta, assim a luz foi-se diffundindo, ampliando, alagando os cumes, doirando as casas, fazendo sahir, como d'uma forja, scentelhas ardentes das vidraças.

Então Estevam acalmou. E mais sereno começou de pensar nas difficuldades que se levantariam, se esse doce *flirt* começado com Helena tomasse porporções maiores; da vida miseravel que levariam se o epilogo d'essa doçura fosse a trivialidade ligeiramente grotesca do casamento — como se Eros assentase praça, jurasse bandeiras — e decidiu logicamente afastar-se d'ella, fugir de todas as occasiões em que pudesse achar-se a sós com Helena, em que, sem barreiras, o seu amor indomavel se levantaria do peito, como uma onda e as boccas se haviam de procurar para a floração dos beijos, as mãos se uniriam, febris, e os corpos se placariam um contra o outro na necessidade nervosa do contacto de toda a epiderme.

—Afastar-se-hia d'ella, resolveu, embora me persigam

os olhos doces e amargosos de tristuras, brilhantes de sombrias volupias sonhadas.

Não ficaria em casa senão o tempo das refeições; á noite recolher-se-hia tarde, para a não encontrar na varanda, talvez, ouvindo a ribeira que cantava, e lhe levava a imaginação para muito longe.

Não! Fugiria d'ella, nesse sentimento estulto dos que fogem da morte, desvairados, da Morte, a grande Amante sempre fiel, cujo beijo de gelo é doce e eterno, amnesicamente consolador. Sentimento sem razão de ser, mas satânico, colado á sua alma pelo peso constante do preconceito gothico e christão.

Difficil — ó, com certeza difficil! — foi o andar emparceirado, inda que de corpo apenas, com os habitantes da villa triste e callada.

Ao acabar no tribunal o serviço diminuto, que os escrivães lhe indicavam, já sem cerimonia, tomado o pulso á sua ignorancia e desejo de não saber, ia passear pela mesma e unica estrada, unica sahida, que havia d'aquella cova para o mundo, para o horizonte largo onde os pulmões se erguem avidamente, inflados d'ar puro.

Depois do jantar sahia para o Gremio, um largo casarão, que em tempos fôra armazem e que ainda tinha no tecto signaes: largas vigas, ora caiadas e a telha a ver-se, caiada tambem, pelo lado interior.

Era o club da terra, o chic, o unico.

Na villa baixa, sobre uma taberna, quarto que servira de prostibulo, os operarios tinham organizado uma philarmonica, e havia danças, descantes, aos sabbados. Club? Não. Ainda prostibulo um pouco, um pouco theatro, um pouco taberna.

Club o da villa alta. E os socios d'esta, empregados publicos, proprietarios, advogados, escrivães, commerciantes, mesmo um typographo e tres caixeiros — era necessario seguir as tendencias democraticas da epocha — tinham um sorriso largo de mofa quando se fallava na sociedade da baixa.

— Boas pequenas que lá vão! ainda condescendiam.

A Villa alta e a Villa baixa, o *Gremio Recreativo* e a *Fra-*

ternidade Musical Familiar — dois symbolos, duas entidades com representação camararia — tinham odios, rivalidades.

O Roquette, escripturario de fazenda, que estivera em Africa, costumava de chasquear, quando passava pela *Fraternidade* e ouvia o modo descompassado da musica gemendo valsas:

—Batuque de brancos!

E os de baixo, que o souberam, enraivecidos, apoiaram os de cima de falperreiros, justificado por elles o nome, pela fallencia fraudulenta do director do *Gremio* e mesmo pelas bur-las do Roquette, que d'uma vez estivera prestes a passar pela correccional, numa questão de desvio d'um deposito que lhe fizera o Lourenço, outro influente do *Gremio* que fôra expulso da fabrica de linhagens, por irregularidades graves na escripturação. Assim andavam os animos. E na rua por vezes, quando se cruzavam havia cruzamentos raivosos d'olhares, um certo ar de insolencia que desafiava. E continuavam, rosnando. O Brito, que tivera em novo fama de valente, e queria passar por um dos veteranos da entrada no Porto, ainda que a esse tempo fosse aprendiz de funileiro, em Buarcos, ameaçava sempre de partir os ossos ao Guedes, o mestre da philarmo-nica e director de salla na *Fraternidade*.

Mas não, não partia, que o Guedes tinha má fama e já fôra julgado pelo assassinato d'um medico, que lhe rondára a mulher. Absolvido — falta de provas e o jury é brando — nem por isso lhe imputavam menos o crime.

Nesse club composto de elementos heterogeneos — nascen-te e esgoto — o que havia de melhor e o que havia de peor — começou Estevam a passar as noites, um grande spleen a deprimir-lhe a alma, sempre deante d'elle, fina, voluptuosa, a figura de Helena, de que fugia — uma estupidez, concorda-va — mas que desejava, violentamente, num impeto phisico e num grande amor d'artista, por aquella graciosa figura tor-turada, que parecia levantada do tryptico bysantino que elle vira, na noite da sua chegada, no livro de Kast.

Alli conheceu e foi seu companheiro de cavaqueiras artis-ticas, um certo Bastos, meio Poeta e meio Louco, Olympo e

Rilhafolles, inteiramente alcoolico, já a tremerem as suas mãos descarnadas, um tom opaco nos olhos azues, ingenuos.

O Bastos, Apollo de manga d'alpaca — era amanuense da administração e fazia versos muito apreciados na terra, pelo arranjo de imagens explosivas, arrojadas, pelo tom revolucionario d'algumas, que elle sacudia, ao recital-as num gesto tragico, como quem chama a rebate nomenclaturas de exercitos para uma grande guerra em que apocalypticos corceis agitarão os cascos devastadores.

Gemam as mães, p'lo chão, os seios já estereis
Pisados p'los corceis dos filhos assassinos!

Esta era uma invocação á guerra, aos bandos sangrentos dos esfaimados, que cobrirão a terra, que cobrirão o ceu com o amargor das suas dores, com o incendio mais que solar das suas reclamações. Elle dizia-se o Sparthacus d'essa revolta, que arrasaria o Existente, como um diluvio novo de sangue, de lagrimas, de devastações, para depois surgir, formidavel, immaculada, a grande Aurora d'um dia novo, d'um novo mundo.

Dizia-o a serio, accordando a villa callada, morta. E alguns burguezes chegavam a tremer, no intimo d'alma, ainda que rindo-se, forçadamente, das tolices do Bastos, affoittavam ainda que o temessem, como má lingua, não respeitando ninguém, numa devassa continua pela villa, por todo o concelho, de *pôtres*.

E sabia-os todos; de quando em quando no *Illumino*, hebdomadario retintamente republicano, vinham allusões. Sabiam-o todos: era do Bastos. E temiam-o.

Tinha talento, o Bastos? Ás vezes. Um modo de ser azedo e sacudido, mostrando muito a bocca podre, d'onde vinha um halito pestilente de esterco e d'aguardente: de fumeiro em que se intornasse alcool.

Certos modos de ver, crueis, laivados de inveja aos que podiam viver bem, elegantemente vestidos, sem pensar no dia d'amanhã, sem ter de ir á repartição onde escrevia officios, autos ás vezes, que o escrivão estava quasi sempre doente,

certas contracções de espirito, que saem violentamente, como um vomito retido, tinham uma expressão mordente e nova, num estylo secco, onde os verbos cuspiam injurias, só por si, sem necessidade do anavalhado dos epithetos.

O Bastos vivera em Lisboa onde cursara estudos, numa *aurea mediocritas*, até que lhe morrera o pae deixando-o na miseria. Mesmo o enterro fôra custeado por amigos. E estes, ainda condoidos e fugindo a uma mensalidade, exigua que fosse, *empregaram-o*.

D'ahi o alcool, que lhe accendia no espirito visões da ambição grandiosa, que já não podia ter e o affastavam da chá sociedade da villa.

Foi esse o companheiro d'Ernesto, no club, e depois fôra, iam passear longas horas, pelos montes, de cujos cumes, para fora, se desvendava uma extensa paysagem, que nas noites de luar tomava o tom vago e tranquillo d'um grande mar de leite, a cuja tona boiassem arvores de prata.

Ambos aquelles exilados se tinham reunido, o Bastos mais feliz que Estevam, que o alcool, ao contrario do sangue vermelho que bebeu Ulysses, faz esquecer, ao passo que o amor de Estevam lembrava-lhe a miragem d'oiro em que vivera e a facilidade em satisfazer nas grandes capitaes hystericas e quasi devassas, as paixonetas de momento.

As mais das vezes Estevam calava-se a ouvir o Bastos, num largo tom de propheta preconisar a grande e rubra aurora, a emancipação de todos, a emancipação de tudo.

Ahi andavam sós, sem poder consolar-se, porque ambos tinham os olhos num só ponto, ambos soffriam d'um amor de que fugia Estevam, de que se não podia approximar o Bastos, senão por entre a nevoa que lhe formava o alcool.

E Estevam calava no seu coração esse grande amor.

Mas o Bastos, para companhia, não era precisamente o modelo, o ideal. Sempre bebendo, não cessava de accordar os eccos da villa com os sanguinolentos versos que reclamavam liberdades e chacinhas, de modo que pouco a pouco Estevam foi-o abandonando, deixando de ir ao Gremio, onde os mesmos parceiros diariamente diziam as mesmas coisas, apenas a

AVE-AZUL

tosse secca do Pina deixava d'ouvir-se nas noites mais frias e as injurias que a guigne provocava ao José Cordeiro, transmavam-se em sonoras gargalhadas nas noites de *veia*.

Começou Estevam a galgar só os montes, a correr as cristas aridas em fileiras gumosas de pedras, de onde em onde os braços negros de moinhos calados.

Cançava-se, gastava a vida no movimento phisico para adormecer a Alma, mas á noite, no seu leito, todo elle estre-mecia de desejos, d'ancias, que a continencia duplicava.

(Conclue)



De PEDRO FONTELLAS.:

RESURGO



A minha mulher
A minha filha

Quem tinha o coração estiolado
Morto d'angustia, cheio d'amargura,
Não podia esperar pela ventura
De ser feliz e de se ver amado.

E n'um relance tudo está mudado!
—Pois a luz mais suave, a luz mais pura
Entornou sobre a minha noite escura
As delicias d'um lar abençoado!

—Junto a mim a mulher, tão carinhosa,
Mais a filha, uma flôr, botão de rosa,
Enchem tudo de luz com um sorriso.

Onde havia a descrença, o luto, a dôr,
Ha hoje a fé e tanto, tanto amor,
Como junto de Deus, no Paraíso!

Regoa.



De CAMPOS LIMA :

PREVISÃO



Um outro a ama e ella o ha-de amar !...
Serám os seus olhares lanças de aço...
Ham-de estreitar-se os dois em doido abraço...
E um padre ha-de vir pâra os casar !

Triste, como um velhinho eu hei-de andar
Pela existencia, de bordão... a passo...
E um dia, carregado de cansaço,
Não me hei-de erguer... terám de me enterrar...

E os noivos ham-de estar numa janella.
— «Quem falleceu?» E dir-lhe-ham a ella :
— «Um estudante, por pesar de amôr !»

E o rôsto ha-de ficar-lhe transtornado
Ao ver o meu, branco de cal... chupado...
E então... e então ha-de morrer de dôr !...

Braga, 20 nov. 99.

(Para o *Pelo Azul*)



Atravez dos tempos



*Leurs âmes, dépareillées, se chercheront
sans cesse...*

Ha muitos annos, ha muitos seculos, numa ilha muito longe, á beira-mar, quando o sol morria...

—E amas-me?!...

—E amo-te!

—E vaes ser d'outro, amanhã?!...

—Se nos separa a vida!...

—Separa-nos a vida?!... Talvez a morte nos unisse!

—Talvez a morte...

O Sol morrera: cahira a noite. E os dois, de mãos dadas, olhos ao alto nas estrellas, ficaram-se calados, como a escutarem-se o coração um ao outro.

Ia subindo o mar. Beijou-lhes os pés...

Das estrellas baixaram os olhos ás ondas: e ficaram-se calados, d'olhos no mar que subia, como a escutarem-se o coração um ao outro.

E o mar ia subindo, subindo...

Quando ao outro dia o sol raiou, os seus primeiros raios envolveram numa mortalha d'oiro dois cadaveres abraçados, entre duas fragas, á beira-mar.

*

* *

Em Roma, no circo. Cesar vem de conquistar as Gallias.

A espada do gladiador embebera já seu gume no seio de muitas victimas. Agora é uma virgem gauleza que vae dar o collo tenro á sua medonha avidez de sangue: e ella lá vem, pallida e serena, envolvido o corpo no manto precioso dos cabellos ruivos.

Ergue o escravo a espada...

Ceos! onde vira elle já uns olhos assim?! quando, em que tempos, em que logares, amara elle já, com toda a sua alma, uns olhos assim?!

E o braço cahiu-lhe, e cahiu-lhe a cabeça ao peso d'um mundo de cogitações...

—Mata, escravo, mata! clamou o circo todo pela voz das suas cem mil boccas.

Então o gladiador ergueu o ferro outra vez, outra vez mergulhou os olhos naquelles olhos mysteriosos que o fitavam sem rancor, hesitou de novo, uma lagrima lhe éscorregou pela face livida, e, raivosamente, num rugido de tigre, enterrou o ferro vermelho no pescoço tenro e branco.

*
* *

França: Edade-media. Regresso da primeira Cruzada.

O seu Cavalleiro! Ha tanto já que elle se fôra de França á conquista do sepulchro do Nazareno, d'esse Nazareno tão odiado da sua raça,—para a esquecer, para se penitenciar do sacrilegio d'aquella paixão!

O seu Cavalleiro! oh! o jubilo ineffavel que elle havia de sentir agora, agora que, por amor d'elle, ella abjurara da sua religião, ella se fizera christã!...

E sorria num enlevo, a linda judia, os olhos fitos ao longe, na montanha doirada sob a luz do sol que se erguia.

Mas alguém bate á sua porta, alguém coberto de pó e as armas veladas de lucto.

—Este anel que vos manda, ao morrer, aquelle que, porque morreu amando-vos, deu a sua alma ás penas do inferno...

E de joelhos, fitos na montanha doirada os olhos agora nadoando em pranto, a linda judia chora, chora para sempre sobre o horror d'esse destino que os perdera: — a elle, sacrilego; a ella, renegada: sem coragem para invocar Jehová a quem offendera; sem fé para se abraçar á cruz do Nazareno para onde a levava só um amaldiçoado e profano amor!

*

* *

Seculo dezassete: tribunal da Inquição.

Entra na sala, amparada pelos carrascos, a feiticeira relapsa.

Tem uma cabecita d'oiro, o corpo é quasi transparente, os olhos limpidos reflectem as imagens como espelhos polidos.

Levanta o Inquisidor a fronte de sobre os papeis, num gesto calmo, e nella fita os olhos claros e frios, onde todo o brilho é morto.

E as palpebras d'esses olhos apagados entram de bater apressadamente, como numa vertigem; e as mãos vão para os papeis como para um refugio, a remexerem-nos inutilmente, febrilmente, numa crispação de todos os nervos.

Era ella, a creança de olhos de garça,—olhos que bebiam toda a luz do ceo e todo o azul do mar...—a creança que elle vira ha muitos annos já, coberta de europeis e joias falsas, dansando nas ruas e attrahindo as muldições com a sua graça exquisita e perturbante...

Unica imagem de mulher que o seu olhar guardara religiosamente; vago sonho de amor que um dia o erguera para Deus, numa irradiação de toda a sua alma.

E ia ser condemnada agora, feiticeira execravel, duas vezes relapsa...

Mas, sem saber porquê, sem que lograsse explicar porquê, ao abrir a bocca para condemnar, os seus olhos, fechando-se, viram lá dentro a supplica muda d'esses olhos profundos—d'esses olhos sumptuosos que bebiam toda a luz do ceo e todo o azul do mar: e então, invencivelmente, irresistivelmente, foi a palavra de perdão a que lhe sahiu dos labios, vibrante e sonora, a acordar-lhe em todo o ser não sei que saudades mortas de não sei que longinquas e ignoradas venturas infinitas...

*

* *

Revolução franceza: no tempo do Terror.

Cheia de condemnados, lá vae rodando a carroça em direcção á Guilhotina.

Uma rapariga singularmente vestida, com cintas de flores nos cabellos desatados, nos braços nús, nos tornozellos finos, de pé no meio dos seus companheiros abatidos, canta, numa voz d'oiro, canções alegres, d'uma extranha graça desenvolta.

E o poeta cerra os olhos num extasis, e abre a alma ao sonho, emballado pelo rithmo d'oiro da sua voz de sereia...

Ella canta, canta: e lavada naquelle rio d'oiro, a alma do poeta esquece a tristesa da vida, esquece a mentira do mundo.

E o fio d'oiro corre sempre...

—Amo-te! dizem-lhe os olhos d'elle, supplicantes, numa adoração.

—Amo-te! repetem lhe a seguir os labios, em beijos apaixonados sobre os labios.

E o fio d'oiro extingue-se...

Mas das suas boccas radiantes, floridas como cachos de rubis, são agora clarões d'astros, deslumbramentos, a tomalhes a alma num vôo lá para cima, para as estrellas que empallidecem, que a luz do dia vae apagando uma a uma...

E ao calar a Guilhotina o canto luminoso dos seus beijos, tiveram elles então, sobre o seu corpo, a sensação exquisita e rara d'uma caricia inedita, caricia que se lhes prolongasse pelo azul, que os levassè pelo azul a ceos deslumbrantes de felicidade ignorada.

*

* *

Ha annos: numa aldeia de Traz-os-montes.

A velhinha morrera...

De joelhos á cabeceira do leito, o velho cura resa; resa e pensa:

Uma longa vida de trabalho, de sacrificio, de dedicação, por elle, pelos que soffrem, por todos os que soffrem... Sobre mulher! santa mulher!...

Quem no ajudaria agora, na sua tarefa de fazer o bem? quem no ampararia agora, nos tristes annos que ainda lhe restassem para viver?

—*Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam!*

E descahia-lhe a cabeça ao peso do corpo cansado; e vinha-lhe uma saudade funda, anciosa, tão anciosa e tão funda que nunca se lembrara de a sentir assim.

—*De profundis clamavi ad te, Domine...*

E a cabeça, ourada, pesava-lhe mais sobre o peito, tomado, também elle, d'um despego tamanho, que parecia querer partir-se-lhe lá dentro alguma coisa...

Senhor! Essa alma, porque fio invisível estava tão presa á sua alma, que assim lh'a arrebatava no seu vôo, Senhor?!...

Sobre o leito, a velhinha era agora uma forma branca, luminosa, d'uma celestial belleza que os seus olhos nunca tinham visto mas que a sua alma conhecia muito bem, mas que a sua alma abraçava extasiada, num arroubo d'amor infinito...

E, cançadas de tanta luz, as palpebras fecharam-se-lhe; e a cabeça rolou-lhe sobre a cama, sem vida; e os labios, num murmúrio como um suspiro, entoaram ainda:

—*Miseremini mei... miseremini mei...*

*

* *

Onde vi eu isto? Sonhei-o? Não sei. Páginas d'uma elevação transcendente evocaram á minha alma sobrecitada, avida do conhecimento que não engana, a sequencia impressionante d'estes quadros.

E... não sei porquê: mas o meu espirito *viu-as*, as mesmas sempre, essas extranhas figuras de dôr, condemnadas, desde o suicidio inicial, á expiação até á purificação...

E por isso, a sua dor era sempre a mesma dor; as suas lagrimas sempre as mesmas lagrimas; a sua tortura sempre a mesma tortura: sempre o duplo supplicio do presentimento e do desejo inconsciente: dois cegos que, num mundo de cegos, sem nunca se terem fallado, sem nunca se terem encontrado, quizessem encontrar-se, quizessem fallar-se, quizessem reconhecer-se!

E assim, de viva em vida, de seculo em seculo, *atravez dos*

tempos, sempre a adivinharem-se e a não se abraçarem nunca; como se os impellira o vento de vertigem que, no verso de Dante, afflige as almas carnaes que por amor se perderam:— até se reunirem por fim, e para sempre, no seio do eterno Amor!

BEATRIZ PINHEIRO.



Santa-Kaaba



Deixa que no teu collo eu poise esta cabeça...
 Eu venho de tão longe, eu venho tão cansado,
 Que, mesmo ao pé de ti, sou triste e estou calado,
 Ancioso de esquecer, sem que de todo esqueça...

Se eu venho de tão longe e é doida esta cabeça!

Fita-me: é quanto basta. As rugas d'esta fronte
 Dir-te-ão da minha vida os lugubres naufragios...
 E vae-me tu cantando - Ave dos Bons-Presagios!
 As horas do Porvir, sem que o Passado eu conte...

Que eu quero ver florir as rugas d'esta fronte!

E emballa-me: é tão suave o rythmo do teu collo!
 Como um poema-d'amor, recitado em segredo,
 Assim teu collo se ergue e abaixa—quasi a medo...
 E de sentil-o e ouvil-o eu todo me consolo:

Se é um poema-d'amor o rythmo do teu collo!

E beija-me: o teu labio é o cofre dos meus sonhos...
 Que ao menos ao teu lado eu sonhe o que desejo!
 Se o teu labio os fechou, d'olhos fechados vejo...
 Alegam-se p'ra dentro os meus olhos tristonhos:

Que a tua bocca, ao fechar-se, abre-me a porta ao Sonho!

AVE-AZUL

E deixa-me sonhar assim, no teu regaço,
Emquanto arrulhas, Pomba! oh Lua, enquanto brilhas!
Sou um cego a quem vaes contando maravilhas
Do Paraiso, aonde eu vou pelo teu braço...

E eu vejo o Paraiso aqui—no teu regaço!

(Da *Palingenesia*)

CARLOS DE LEMOS.



Revue Franco-Italienne

(LE MONDE LATIN)

Sob a direcção prestigiosa de dois illustres homens de letras que a *Ave-Azul* tornou já conhecidos dos seus leitores — Gius. Gramegna, auctor da *Carmencita*, residente em Napoles e Mich. A. Cantone, auctor do *Ego e Panta*, advogado em Paris — e d'outro escriptor não menos illustre G. de Champdoré, traductor do drama supra-citado: acaba de iniciar a sua publicação em Napoles uma revista, com o titulo que a estas linhas serve de epigraphe, destinada, quer pelo indiscutivel talento e radioso entusiasmo dos seus fundadores, quer pelo esplendido programma, por cuja realisação se empenham, a merecer as maximas sympathias e os maximos applausos de quantos ainda se interessam pelo renascimento da nossa abençoada raça latina, tão fecunda outr'ora de grandes homens e de bellas obras.

Já no n.º anterior quizeramos transcrever esse programma, bem digno de ser apreciado pelos nossos leitores como um primor de litteratura, porque redigido com muito espirito, e mais digno ainda de ser por todos muito meditado como um trabalho de larga critica, sensato e conceituoso e sobre tudo isto moralissimo: — tolheu-nol-o a falta d'espaco com que sempre luctamos, se felizmente por um lado, por muitos outros infelizmente.

Damol-o hoje, chamando para elle a attenção dos moços que entram agora na vida das letras, porque hão-de ahi encontrar muito de bom que para sua orientação lhes aproveite.

*
* *

Cette fin du XIX siècle voit une nouvelle invasion de Barbares menacer l'existence de la famille latine — invasion autrement redoutable que celles sous lesquelles s'effondra l'Empire Romain, car aujourd'hui ce sont des Barbares civilisés. Et si

jadis le conquérant vainqueur — mais ignorant — respecta la civilisation du vaincu et même se laissa absorber par elle, aujourd'hui il n'est plus de même, car le conquérant de demain, armé lui-même de toutes pièces, fournies par la scientifique civilisation moderne, manifeste des appetits toujours croissants et inassouvis. On voit, en effet, le Panslavisme, le Germanisme, et leurs dérivés, enserrer graduellement, comme dans un étau, les nations latines encore survivantes. On peut, pour ainsi dire, tracer le diagramme de cette invasion puissante, réfléchie, basée sur la combattivité pour l'existence et dont les effets dissolvants se font sentir avec une rapidité délétère.

Précisant les faits, nous ferons mieux comprendre notre pensée.

L'ennemi du riche et beau sang latin a fait profit de l'aphorisme — *Mens sana in corpore sano!* — aussi, a-t'il cherché, avant tout, à détruire cette riche organisation physique, car la science lui a enseigné qu'une nation — simple individu dans l'humanité — débilitée par une succession de générations disqualifiées par des vices ataviques, n'est plus elle-même et qu'elle est arrivée à la crise aiguë de la disparition de la race.

Pour obtenir ce résultat, ses savants — car l'ennemi en a de grands et véritables, mentant à leur conscience d'homme d'abord et ensuite à la science — n'ont pas hésité à commettre un crime de lèse-humanité, en publiant par les cent voix de la Renommée que l'élixir de longue vie avait nom bière et alcool. Les peuples, trompés par ces faux prophètes, ont cru pouvoir s'abreuver à longs traits — comme la gazelle du désert à la fontaine de l'oasis — à cette source empoisonnée. Et la vie a été tarie dans leurs moelles exsangues et atrophiées. Puis à l'empoisonnement physique succéda rapidement l'intoxication morale, plus terrible encore, car elle s'attaquait désormais à des organismes en putréfaction — véritables sépulcres blanchis.

Le terrain étant bien préparé, la mauvaise semence devait germer d'autant plus facilement, que dans ce fumier humain, où grouillaient les vers les plus hideux de la putréfaction, gîtaient à myriades les microbes de la philosophie la plus désespérante et de la littérature la plus dissolvante.

Et cela, toujours au nom de la Science, dont le nom sacré était invoqué et profané à tout moment afin de pouvoir plus opportunément achever la destruction des globules rouges de la féconde Race latine.

Cette malaria morale a depuis longtemps, en effet, intoxiqué le cerveau latin et il n'est que temps — sinon trop tard — d'injecter à ses circonvolutions anémiées un nouveau sang plus oxigéné.

À ces nations illustrées par Camões, Boccace, Cervantes, Dante, Arioste, Machiavel, Tasse, Raphaël, Michel-Ange, Rabelais, Molière, Voltaire, Hugo, et tant d'autres — qui sont sur les lèvres de tous — ces savantesses en *us*, au nez orné de lunettes, ont interdit, au nom d'une prétendue science... d'hôpital, le rire, cette puissante manifestation de l'être vivant, sans lequel la vie ne peut être comprise, car il en est une des fonctions primordiales. A cette invraisemblable prétention, Cervantes a dû, au fond de sa tombe, se rémémorer les railleries les plus acérées de son Don Quichote, et dans la sienne Rabelais se sera esclaffé en un formidable éclat de rire pantagruélique, en rêvant encore des longues beuveries d'antan, où la rouge sève de la vigne coulait à pleins bords dans nos coupes et dans nos veines, à nous, les fils du royal Latinus.

Ah! en ces temps-là, comme on riait, et comme la vie passait vite entre une bataille et un doux sourire de femme, au milieu de banquets, où les vins et l'esprit jaillaient à l'envi.

Nous ne croyons pas qu'aucun des grands hommes précités ait jamais porté besicles, et néanmoins quelle science, quelle profondeur de pensées dans leurs œuvres! Depuis des siècles ils sont morts et depuis des siècles, comme le phare du navigateur, leur esprit projette sa fécondante lumière sur la *plante-homme*. Quelle exubérance de vie, de génie dans cette race latine! En ces temps, l'Homme latin berçait son imagination avec les nobles emprises des preux de la Table Ronde et non comme aujourd'hui de nébuleuses sagas. Il était gai et si par fois son rire dépassait la mesure — Boccace, Rabelais et les anonymes des Fabliaux — un mot a consacré cette ten-

dance en la synthétisant — Gauloiserie — c'est-à-dire, les joyusetés de l'Esprit mises au service du malin Hérôs. Cela, croyons-nous, valait beaucoup mieux que de rêver de noires utopies et de se livrer au détestable passe-temps du régicide — effets des sombres théories des Marx, des Bakounine et des œuvres — scories de la Géhenne — enfantées par la littérature russe moderne, qui portent toutes comme frontispice les paroles du grand Gibelin: *Per me si va tra la perduta gente.*

Malgré cela, l'Ame latine fut toujours croyante et fidèle à l'Idéal jusqu'au jour où Hégel, à l'ouverture de son cours philosophique, s'écria: Aujourd'hui, Messieurs, nous allons créer Dieu! et que Schopenhauer élevant la volonté à loi de l'univers, délogeait de notre cœur cette âme ayant pour confins la lumière et l'amour. Après, ce fut le tour de Nietzsche. Aux situations trop tendues, succède toujours logiquement une réaction: c'est la loi immuable, infaillible, résultant des extrêmes. La réaction s'est donc manifestée dans les nations latines et s'affirme chaque jour davantage.

Voici des faits.

Des ligues existent hissant l'emblème de la renaissance de notre monde; des publications de temps à autre visent à faire fraterniser dans les mêmes colonnes la langue de leur patrie avec celle de la France leur congénère. Les nations latines doivent donc, en ce moment, faire comme les soldats au feu, serrer les rangs. Les gouvernements eux-mêmes l'ont compris, et si depuis longtemps en Italie, l'étude de la langue française est obligatoire, de même, depuis quelque temps en France, le pouvoir supérieur a pris la même mesure pour l'étude de l'italien, la langue sœur.

En présence de ce mouvement de plus en plus prononcé, nous avons cru qu'il y avait place pour les hommes de bonne volonté, pour ces travailleurs de la dernière heure dont parle l'Écriture, et incités par des encouragements émanés de hautes intelligences, nous mettons, aussi nous, la main à l'œuvre. Cette œuvre est la création d'une *Revue Franco-Italienne*, destinée non seulement à resserrer les sentiments traditionnels d'amitié existant entre les deux pays latins, mais surtout à

faire mieux connaître, mieux apprécier les hommes, les arts et la littérature présente des deux pays. Le Beau est notre devise—c'est assez dire que la *Revue Franco-Italienne* n'est le porte-voix d'aucune école, ni le programme d'aucun parti. Il lui suffit de savoir que c'est une manifestation du Beau sous n'importe quelle forme et elle n'en demande pas davantage, sachant parfaitement que le Beau est le Vrai de la conscience humaine. Nous avons donc l'espoir, pour ne pas dire la certitude, que les plumes les plus fines vont s'aiguiser pour aider à la diffusion de la *pensée latine*.

Nous dirons donc aux auteurs, nos futurs et chers collaborateurs, comme jadis à Fontenoy, les Gardes françaises aux Anglais, mais cette fois la main sur le cœur : A' vous, messieurs, tirez—non, je me trompe—écrivez les premiers ! En finissant, nous ne pouvons faire à moins de jeter un regard de mélancolique fierté sur l'œuvre séculaire de la Race latine, œuvre dont la lecture a ensoleillé notre jeunesse, adouci souvent les douleurs de l'âge mûr et embelli toujours le soleil couchant de notre vieillesse. Lève-toi donc, Génie latin, Génie de nos ancêtres, jette sous tes pieds la corne remplie de la froide liqueur hunnique, écrase dans ta coupe séculaire les grappes rouges et généreuses comme ton sang, et ton âme, une fois encore et pour toujours, sera embrasée de l'amour de la patrie latine.

Une fois encore, et à jamais, tu pourras t'écrier :—L'Avenir, l'Avenir, l'Avenir est à moi !

le directeur

GIUS. GRAMEGNA

*
* *

Protesto vigorosissimo—aqui ou alem por ventura apaixonado, como todo o protesto que irrompe d'um homem de caracter, como todo o verdadeiro protesto—o programma da *Revue Franco-Italienne*, ahi fica á meditação dos nossos leitores, principalmente dos nossos leitores que ás letras se con-

sagram, pois que, para honra nossa, os temos e em grande numero.

A nobre raça latina, fadada para a hegemonia desde a sua apparição, deixou-se deslumbrar por bellezas exoticas e eil-a, já ou a breve trecho, de sol que era illuminando outros mundos, misero planeta que de longinquos soes mal reflecte os gelados brilhos.

D'ahi, em grande parte, a litteratura *de desolação*, que, se é certo que attrae um ou outro espirito, de eleição sim, mas morbido ou com tendencias a sel-o, não é menos certo que repugna á maioria do publico illustrado que procura, e com rasão, uma litteratura *de consolação*, como se orgulhava de fazel-a G. Sand que da sua contraria accusava Flaubert, se me não engano.

A Arte deve ser filha das graças, não irmã das Eumenides...

Preciso é pois, nesta hora critica, porque decisiva, que o mundo latino de novo tome consciencia dos seus altos destinos e, refugindo para o abundante manancial das suas vitaes energias, nelle estanque, que não em estagnados poços, a sua sêde de Belleza e de Ideal.

Houve já, parece, quem descobrisse o sôro contra o alchoolismo:—não menos funesto do que este, um outro mal nos devora e anniquilla: é o pessimismo.

A *Remue Franco-Italienne* é contra elle que brande as suas armas aceradas, com todo o vigor que lhe dão os rijos musculos dos seus destemidos fundadores.

Por isso, de todo o coração, a saudamos, como a um valoroso paladino d'uma gloriosissima Crusada.

CARLOS DE LEMOS



FLORES EXOTICAS

De Marc Legrand

*Sim, desprezei demais da Vida a orgia,
 Todo o prazer fugaz. Morreu o Dia...
 Eu já não posso amar. Sou como a Lua,
 A espelhar-se num poço, triste e nua.
 Ah! que o Poeta — na Terra e sem pai! — ...
 Soffrendo, canta e ri; mas se Dôr crua
 Lhe parte o coração... nada mais diz!*

(Pierrot et la Lune)

De F. Italo Giuffré

*O seu nervoso corpo, tão loução,
 No divan se espreguiça lassamente,
 E eu aperto na minha a sua mão,
 E rebeijo-lhe a bocca tão ardente.*

*Soffre! Soffre! Um mysterio, ou um tufão,
 Faz vacillar-lhe a sua nobremente,
 E a sua bella fronte é qual vulcão
 A latejar de febre incandescente!*

*E eu folgo d'essa dor! Que maligno
 Jubilo é este, que a minha Alma entende
 Ser firme sentimento inabalado?*

*Ah! o meu coração, pio e benigno,
 Folga de a ver soffrer, porque compr'hende,
 Que torna a ser ardentemente amado.*

(Das Stagioni Poetiche)

De Thomazo Cannizzaro

*Estrellas teus olhos são,
E teus labios flor sem calma;
O teu olhar é um clarão
Que põe um incendio na Alma.*

*O que serão os teus beijos,
Não o posso imaginar;
Só tu, vendo os meus desejos,
M'o podes fazer julgar.*

*Abandona-te, sorri;
Corresponde ao meu desejo.
Foi d'um beijo que eu nasci,
Quero, pois, morrer d'um beijo.*

(Dos Uragani)

Versões de

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA



LYRA COIMBRÃ

CONTRASTE...

I

Cabellos louros, lisos, estendidos
Pelas curvas d'um corpo bem formado :
Estava Iréne, o rosto afogueado,
Com os dentes aos labios comprimidos ;

Carlos, sentado, os gestos desprendidos,
Olhava para ella socegado,
Com a expressão do terno namorado,
Que só amores tem bem succedidos ;

Na quebrada da serra, ao Occidente,
Já o sol ia deixando, no escuro,
As nuvens bronzeadas do Poente ;

E Irene erguendo-se, o aspeito duro,
Assim lhe disse numa voz fremente :
«Has-de ser meu ou morrerás, eu juro.»

II

Clotilde, os olhos puros arroubados
Na dulcissima imagem de Maria,
Como que só de vel-a a graça hauria,
E o jubilo dos bem-aventurados !

E após, labios em febre descórados,
D'um livro, que na dextra lhe tremia,
Clotilde as orações da morte lia,
Lembrando-se dos entes mais amados.

«Senhora, amai aquelle quem mais amo,
«E por quem soffro mais angustiada,
«E por quem ao morrer saudosa chamo.

«Dai-lhe na vida uma alma acrisolada,
«Que estes ais que por elle ora derramo
«Me darão uma morte socegada !

Coimbra, 1—3—900.

JOSÉ D'ARRUELLA.



REGISTO BIBLIOGRAPHICO

—*Amores perfectos*, de Alvaro Pinheiro:—Como a *Missa Nova*, de que num dos n.^{os} passados me occupei, tambem já não é d'agora, são até ambos contemporaneos, este volume de lyricas de que me lembra ter-se occupado, larga e lisongei-ramente, a imprensa do paiz, e a que o illustre publicista e critico sr. dr. Rodrigo Velloso tece justos elogios na brilhante prosa castiça do prefacio com que o acompanha, e apadri- nha. De lá estas linhas que pedimos venia para fazermos nos- sas :

«E por sem duvida que sendo a naturalidade e singelesa, «depois da inspiração, uns dos mais apreciaveis predicados e «qualidades da poesia, especialmente lyrica, genero em que os «*Amores Perfectos*, como seu proprio nome o está testemu- «nhando, se filiam, eu que já as apreciava nas *Sonancias*, me- «lhor pronunciadas e accentuadas as vejo nos *Amores Per- «fectos*, fazendo ahi destacado contraste com a grande maioria «dos livros de poesia nos ultimos tempos vindos á luz entre «nós. . .

São, em verdade, essas — a naturalidade e a singelesa — as qualidades que mais valorisam este recolhimento de lyricas todas ellas inspiradas em generosos sentimentos — no amor, de todos o mais generoso, fonte de toda a inspiração, da eterna mocidade, do genio.

Tambem, porque assim inspirado, não é a poesia que nelle mingúa, não é: se, aqui ou acolá, algo falta, é a perfeição plas- tica: isso mesmo porem, muito raro, e que bem compensado pela doçura do sentir e pela ingenuidade do dizer!

A citar, entre as que mais e melhor nos commoveram, as poesias *A entrevadinha*, e, no poemeto *Maria*, *A esmolinha*, *Idyllo* e a *Carta*, d'onde, para fechar esta ligeira noticia, me permitto transcrever os dois primeiros tercetos :

Não calculas o bem que me fizeste,
Nem o grande prazer que eu ora sinto
Depois que duas linhas me escreveste.

Parece-me que goso,— não te minto —
 Com as boas venturas que desejo,
 O doirado futuro que presinto.

E é toda ella assim, em versos, como João de Deus os queria, que são como a boa prosa corredia e cantante.

Livros novos

Historia da Instrucção Popular em Portugal desde a fundação da monarchia até aos nossos dias: por D. Antonio da Costa:—Citar-lhe o titulo é dizer toda a sua importancia: acrescentar-lhe o nome do auctor é synthetisar todo o seu elogio. E' realmente uma obra importantissima, levada a cabo por quem mais competente. D. Antonio da Costa foi o homem que mais d'alma se devotou á propaganda da Instrucção popular em Portugal: este livro, aquelle onde, como tal, a sua figura mais em plena luz destaca á consagração da posteridade como um benemerito. Livro que todos deviam ler: os governantes e os governados: os mestres e os discipulos: os paes e os filhos: todos:—a ver se se pode afinal acabar com esta vergonha de ser Portugal, dentre as nações civilisadas, a que menos gasta com a instrucção; e portanto a que menos escholhas tem, e a que tem mais analphabetos!

O sr. Antonio Figueirinhas, nosso illustre camarada na direcção da excellente revista do Porto *A Educação Nacional*, reeditando esta obra (cuja 1.^a edição se achava esgotada) em conformidade com a clausula do testamento de D. Antonio da Costa em que este declarava deixar livre a propriedade dos seus escriptos litterarios, — constituiu-se credor das maximas benemerencias da parte de todos os portuguezes que, porque deveras o sejam, trabalham por ver a sua patria desperta afinal d'este marasmo que breve, se não já, se lhe tornará morte:—que esphacello já elle o é, mesmo em vida. . .

Esta 2.^a edição é ainda enriquecida com notas valiosissimas, encontradas entre os papeis do auctor, cujo retrato mais contribue a tornal-a em todo o sentido estimabilissima.

Merece pois, todos os applausos o seu prestimoso editor e

nosso amigo, sr. Antonio Figueirinhas, que, tendo feito da sua revista, desde o seu 1.º n.º, uma franca e larga arena de combate em prol da instrucção, agora, com a vulgarisação d'esta obra do saudoso D. Antonio da Costa, ajuntou mais uma pagina brilhantissima á sua já larga folha de serviços, pelos quaes de ha muito se tornou tambem benemerito da Instrucção e da Patria.

Por agora, os nossos agradecimentos pela offerta. Breve, mais detidamente nos occuparemos da obra, que nos fornecerá ensejo para reforçarmos certo assumpto, de necessidade urgente, sobre que a *Ave-Azul* tem chamado a attenção dos seus leitores. E a proposito:—lembramos ao sr. Antonio Figueirinhas (lembrança por ventura desnecessaria: e antes assim) que seria de toda a conveniencia fazer a respeito das outras obras (a *Instrucção Nacional* e, sobretudo, a *Necessidade de um ministerio de instrucção publica*, por exemplo) de D. A. da Costa, o mesmo que a respeito d'esta S. Ex.^a fez:—reedital-as, vulgarisal-as e fazel-as, assim, dar o fructo que não deram ainda, mas que podem e devem dar, sem duvida nenhuma.

*
* * *

Telas rusticas: prosas, de Gonçalves Dias: — Themas simples, muito simples, desenvolvidos emotivamente em pequeninas prosas simples, muito simples tambem. Pecca talvez, a meu ver, pela nimia simplicidade este livro. O *sancta simplicitas!* do frade na fogueira era apenas compaixão, se é que não era apenas ironia. *Est modus in rebus*: em Arte a simplicidade tem de ser como o *négligé* (deixem passar o termo) de certas damas, que é o *non-plus-ultra* do coquettismo. A' parte porém, esse defeito, que não o será para todos, o livro *Telas rusticas* assignala um bello temperamento de emotivo que faz neste volume as suas primeiras armas de modo muito auspicioso. Certas paginas mesmo, como o *Sonho desfeito*, *Tristia*, *Flores do Campo*, e outras ainda, são inteiramente dignas d'elogio, encantadoras. O auctor, que é um moço de 18 annos, nellas deixa ver bem que tem muito caminho a an-

dar e que o ha-de andar: por isso se poz em marcha logo de madrugada: e fez bem,—para poder ir do seu vagar, devaneando e cantando. E' dos que tiram a inspiração de dentro e de fóra:—de dentro, do coração; de fóra, da natureza. Felicitamol-o: porque não ha mais puro e mais abundante manancial.

Nada, ou muito pouco, dos livros: Trindade Coelho, quando muito, não é verdade? Optimo guia.

Por tudo pois, muitas e bellas coisas nos deve dar o seu talento, que nestas paginas nos deu as suas primeiras flores. Por mim e pela directora d'esta revista, agradecimentos por se ter lembrado dos nossos nomes.

O livro traz, como prefacio, umas paginas de excellente prosa firmadas pelo valente publicista D. Santos Guerra, a quem é offerecida a *Ecloga* de abertura.

*

* *

Vitraes (Versos) Evocações da Edade-Media: Poemas: de Dias d'Oliveira:—Em jornaes cá da terra vi eu já nada menos que duas apreciações largas, qual d'ellas mais elogiosa, d'este volume de *Vitraes*.

Elogios merecidos eram; quer-nos parecer porem, que uma d'ellas pelo menos era de quem muito de fugida o lera,—se é que o lêra. Evocador do Passado, é-o, inquestionavelmente, o sr. Dias d'Oliveira; mas—evocador *dos tempos do passado que ao longe me parecem seductores*... Assim elle diz no *Hymno ás Cathedraes*: donde certamente concluir se deve que para o proprio poeta a seducção está na distancia, não no passado: e que a poesia do passado está não no que o passado foi, mas simplesmente em que o passado .. é já passado. Ora não nos illudamos: o livro *Vitraes*, longe de ser um livro orthodoxo, é, pelo contrario, o livro mais heretico que eu conheço. Não o dissera eu, se ainda houvesse a *fogueira*: como porém, felizmente, a *fogueira* é dos dominios do passado, aqui o digo, sem medo de prejudicar o seu auctor, que me fica merecendo toda a estima, porque é um excellente poeta. De resto, se lh'o puzerem no *Index* (o que me

não surprehenderia, visto que estão lá outros livros com me-nos motivo: o *Eurico*, por ex.; se não erro, por causa do prefacio) se lh'o puzerem no *Index*, estou em que o poeta não se zangará grandemente.—Ouviu-se uma grande voz que clamava: *O Deus Pan morreu!*» Pois, senhores, é essa grande voz lastimosa a que reboa lugubrememente por todas estas paginas—mas aqui clamando a morte do Christianismo! E' minha convicção que o Christianismo não morreu, o que morreu foi certa maneira de ser do Christianismo, nada mais. O que morreu foram as lendas mediévas que apenas, para suggerirem bellos versos, *vivem na alma dos poetas*: e não de todos, porque lá diz o sr. Dias d'Oliveira, no soneto anterior, que *os terrores monstruosos do inferno... destruiram-n'os poetas bellicosos!*... E, se attentarmos em que os Vitraes são offerecidos ao auctor do *Antichristo*, escusado será pôr mais na carta. Aquelle poemeto *Vinho antigo*—vinho antigo que *era o sangue de Christo nas cabeças de frades, de abbadeças, até de Santo Affonso de Ligorio!*...—é todo elle uma refinadissima heresia. No soneto *Num Claustro*, as freiras, erguendo-se dos tumulos, clamam para o Jesus dos altares—*Onde fica o teu reino das estrellas?*—Nas *Quatro Visões*, a ultima freira diz para as suas companheiras:

*E digamos ao ceo, com sobranceira
Voz, ao Christo, passivo mandatario:
—Maldita seja a flor de lorangeira!*

Ora, depois d'isto, elogiar os *Vitraes* como um livro de versos christãos, onde só falta uma pagina em que seja cantada a Mãe de Jesus,—parece-me forte! Prefiro, para não enganar os meus leitores, dizer-lhes que o livro *Vitraes*, como livro de versos, é um bello livro: um pouco no feitio do grande poeta Gomes Leal, a quem o auctor faz toda a justiça, chamando-o *grande poeta e grande espirito*.

Ao sr. Dias d'Oliveira, com os nossos agradecimentos pela offerta, lembramos-lhe, como lenitivo ás suas saudades do Passado, que M.^{me} Clémence Royer, na sua obra *La Constitution du Monde*, diz algures que, se dá cabo de muitas illu-

sões caras aos poetas, também, em compensação, lhes deixa porta aberta a outras que as substituam.

E por aqui findaremos a cavaqueira.

*
* * *

O Passado: de Francisco Alexandrino:—Poeta do Passado, este também: mas do passado da sua vida, em cujas saudades se inspirou, e com muito proveito. Saudades da sua infancia passada, dos seus passados amores, dos seus sonhos passados, da sua aldeia longe, de tudo o que foi e que, por já estar a distancia, melhor e mais fundo lhe avulta aos olhos d'alma e por todas essas paginas o faz cantar gemebundamente, como o rouxinol engaiolado, cujos cantos são gemidos apenas.

Livro que se lê com muito agrado, todo elle; se, como me parece, é estreia, bella e promettedora estreia, innegavelmente. Aqui ou acolá, é certo, uma ou outra imagem, que, por muito usada e abusada, já perdeu todo o valor; um ou outro verso desleixado; uma ou outra rima pouco admissivel: mas todos esses pequeninos defeitos compensados e largamente compensados pelo sentimento ingenuo que do livro todo se evola como um perfume de rosas mortas, menos intenso, mas não menos suave, que o de quando vivas.

Os poemetos *Viuvinha*, *Vida antiga*, *De longe*, são os que mais me encantaram. A ajuntar ainda o ultimo *Perdidas* em que o poeta nos diz das suas *tristes canções da minha mocidade*:

Cantei-as a chorar... cantando as soluçei;
Escrevi-as no livro da ventura...
Mais tarde soleirá-las procurei
Mas já não pude ler... cegara d'amargura!
Nem minhas já parecem taes cantigas...
Tradusem inda amor—mas que pesar!—
Já não é meu sequer!... é o d'essas raparigas
Que nos valles as cantam ao luar.

.....
Na sua bôca eu quasi as desconheço;
Que seja meu... só as palavras são...

O sentimento não, nem eu lhes peço
Que aprendam a soffrer para as cantar então!

Pois que o Poeta nos dê breve, depois do livro das suas *saudades*, o livro das suas *esperanças*, que ellas, as cachopas, possam, sem ter soffrido, cantar sentidamente.

Livros a apparecer

Descendo: de João Lucio:— Deve apparecer brevemente este volume de lyricas de que já na *Ave-Azul* me occupei, quando transcrevi a *Dôr das Pedras* que d'elle faz parte.

A essas poucas linhas de calorosa saudacão ao *lyrismo novo* d'este João Lucio—que sendo meu amigo eu não conhecia como poeta apesar do convivio de bons dois annos—é que devi o inolvidavel prazer espirital da leitura de todo o livro, ainda manuscripto. João Lucio enviara-m'o, como a pedir-me assim indulgencia para a sua excessiva reserva anterior, que eu bem sei ter sido só inspirada por uma modestia exagerada até mais não.

A leitura do volume todo confirmou-me o conceito que d'elle fizera em face d'uma das suas paginas que, na occasião, foi muito apreciada e applaudida pelos nossos leitores de gosto mais apurado.

E' na verdade um *lyrismo novo*...

Victor Hugo saudava Baudelaire por ter sabido dar nas suas *Fleurs du mal* um *frisson nouveau*. Se fosse Victor Hugo, reeditaria a phrase. Assim limito-me a dizer:—o lyrismo de João Lucio é um *lyrismo novo*:—destinado por tanto a ser muito explorado por os que tenham alma para o comprehender. Porque, e fica feito já o aviso aos *pastichistas*—não é coisa que todos possam ou saibam. E para que não julguem que sou eu só a dizel-o, leiam este soneto de João Lucio, em que me abono:

A BALLADA DO FUMO

Cada curva de fumo tem um som,
Tão vago e tão subtil como o gerar

Dum perfume suave ou o d'um tom,
Que apenas comece a palpitar.

Torce-se o fumo sempre e os ruidos
Das suas crispações podem-se ouvir;
Mas não bastam apenas os ouvidos
Para os comprehender, para os sentir :

Alguma coisa em nós, muito interior,
Um sentido creado p'ra que a dôr
E a voz de tudo o que ha seja escutado,
Dá-nos a percepção dos sons das curvas,
Da musica ideal das ondas turvas
Do fumo, onde está presa uma ballada.

Ora aquelle *sentido creado p'ra que a dôr e a voz de tudo o que ha seja escutado*,—esse sexto sentido, poucos o teem: tem-no João Lucio; por isso o seu livro *Descendo*, alem de ser uma bella obra lyrica, é uma obra originalissima, destinada a fazer epocha e a fazer eschola. O caso é que os que lhe venham a seguir as pégadas lhe não corrompam o Evangelho: que não ha peores carrascos duma douctrina que os seus proselytos estupidos. . .

Esperamos ancioso a publicação do *Descendo* para d'elle nos occuparmos em artigo largo e então dizermos o muito que a sua leitura nos suggeriu—e que não será de todo inutil.

*

* *

O meu adeus, de Aff. Lopes-Vieira: — Deve apparecer por estes dias o livro de despedida a Coimbra de Aff. Lopes-Vieira, dos poucos bons poetas da ultima-hora, indiscutivelmente o que, sendo muito *novo* e *novo*, pela idade e pela arte, mais alto subiu na estima dos que ainda lêem neste paiz onde todos escrevem. O seu proximo livro que elle intitula *O meu adeus* será mais, muito mais que a confirmação, de ha muito superflua, do seu bisarrissimo talento a que todos rendem preito: será, e nisso o seu particular valor, o padrão d'um temperamento, um pouco anormal mas porque superior: e consequentemente o espelho onde se reflecta, aureolado de toda a luz do seu talento de tropeiro, esta coisa rara que sempre possuem os legi-

timos poetas:—um bello character: «a inteiresa quasi-rustica d'uma espinha dorsal».

Seguidamente, publicará o volume de lyricas *O poeta Saudade*, de que breve daremos aos nossos leitores uma pagina inedita.

—«Optimo representante da bella da preguiça portugueza», assim elle se nos define numa das suas cartas...

Oh! a milagrosa preguiça dos poetas! que bellas coisas ella nos dá! que suberbas obras-primas ella cria para a immortalidade! Nesta inferneira da vida em que quasi todos vão suando e tressuando *multa agendo nil agentes*, abençoados os que crusam as mãos e fitam as estrellas e sonham e cantam ..

São esses, segundo disse o Christo, os que, como Maria, escolheram o melhor quinhão—quinhão que ninguem lhes poderá roubar!

*

* *

Poema da Paz: de J. Agostinho d'Oliveira:—Por obsequio d'este imaginoso e brilhante poeta, nosso presado amigo e collaborador, acabamos de ler, ainda manuscriptas, umas tantas dezenas de paginas de primorosos versos, de suberbas estrophes, formando um poema, com aquelle titulo, offerecido á *Liga Portugueza da Paz*.

O assumpto em bem pouco se resume:

—O filho do velho castellão parte para a guerra a continuar as sanguinolentas tradições gloriosas de seus avós batalhadores. Uma visão de mulher—Nossa Senhora, talvez...—lhe embota porém a espada a meio da carnificina e lh'a faz trocar pela cruz, numa angustiante sêde de paz. Mas lá no eremiterio onde busca abrigo, mesmo no fervor da oração, a paz foge-lhe ainda: lá mesmo o empolga a lucta, incruenta mas não menos devastadora, agora do coração com o cerebro, do Sentimento com a Rasão. E é ainda uma Mulher—Ophelia antes da loucura—que vem arrancar o desatinado Hamlet ao cairel do abyssmo onde os olhos e a rasão se lhe perdem. Symbolo talvez do homem que no remanso do Lar se esconde da lucta da Vida a que nem já a Fé conseguiu pôr termo—o pro-

togonista do poema interessa-nos da primeira á ultima pagina, como se fôra alguma coisa do que já fomos, todos nós os que entramos na batalha do Mundo, vestidos de ponto em branco, a viseira erguida e em riste a lança, para, ao cabo de fundos golpes vibrados e recebidos, nos acolhermos afinal, cansados e desgostados, ao Sonho no seio da mulher amada, ao canto do Lar, entoando um hymno á Nossa Senhora da Paz. E que bello hymno! ouçam-lhe a symphonia inicial:

Halito? suspiro? Voz?
 Não sei: se passa, estremeço;
 E' um fluido leve—eu conheço -
 Que se apodera de nós.
 E' delicioso e feroz;
 Se punge, adoça ao começo:
 Se adoça, num arremesso,
 Nos crava um punhal atroz!
 Gosta e desgosta — é um absurdo;
 Dá visões d'ouro, e congéla;
 Por elle, vôo e chafurdo. .
 E' Alvorada, e é Procella;
 Ouve as Sylphides, e é surdo;
 Mata nas Trevas, e é Estrella!

Por vezes, os themas mais simples são os mais suggestivos. Que admira pois, que a vigorosa imaginação de J. Agostinho haurisse, num conflicto da Alma, que mais parece um caso da Vida, inspiração para largos e rutilos vôos de generosa e vibrante poesia philosophica e humanitaria? Assim pois se os credits de J. Agostinho não estivessem já de ha muito confirmados, este pequenino poema a tanto bastara.

O *Poema da Paz* é um fulgurante poema: se dizel-o pode parecer lisonja, deixar de o dizer fôra sem duvida uma injustiça. Por isso quizemos ser o primeiro a proclamal-o.

E que breve seja dado a publico, para d'elle fallarmos mais detidamente.

C. de L.



REVISTA DAS REVISTAS

Revue Franco-Italienne (Le monde latin):—Temos presente o 1.º n.º d'esta revista, cujo excellente programma atraz publicamos. Confirma plenamente a nossa expectativa. Abre com um brilhante artigo de Guis. Gramigna, *Avec vous et pour vous*, dirigido *latinis ingeniis fortitudine voluntaque praeclaris*. Oxalá elles lh'o leiam e do muito que elle tem de bom e de opportunamente bom se compenetrem. A seguir uma soberba poesia *Italia* em que M. A. Cantone faz dasfilar como uma encantadora chorèa de canephoras gregas as nações de raça latina numa feeria. De lá esta quadra a Portugal, que, como portuguez que nos presamos de ser, cordealmente lhe agradecemos:

Il Portogallo! Il rosso e il giallo insieme,
Rosso d'aranci e giallo d'occhi in fiori
D'Atlantico infinito di splendori;
Mare che freme al sol aureo che freme.

Uma outra excellente pagina de prosa *Ames latines* de G. de Champdoré: uma bella pagina-dupla de musica *Piccola Toccata* de Luigi Romaniello, e ainda optimos versos em francez de M. A. Cantone e Ed. Michaud e um vibrante soneto em italiano a *Giordano Bruno* de Domenico Milelli: bibliographia, correspondencias, etc., interessantissimas. As nossas saudações e agradecimentos pelas boas palavras que teve para a *Ave-Azul*.

E, pois que fallamos do scintillante poeta M. A. Cantone, não deixarei de citar d'elle, na *Revista del Sincerismo* de março, o *Prelude du Messager du Nouveau Mal*, como que a symphonia d'abertura do maravilhoso poema, d'envergadura dantesca, em 15000 versos, *La marche de Lucinòus*—como que synthetizando a *alma* e a *realidade* dos *Judeus errantes* sempre atraz do seu Pensamento e só encontrando, ao fim de tudo, Asraël, o anjo da Morte. Sobre elles todos, como sobre o pedestal da Humanidade, eil-o se ergue Lucinòus, o novo Lucifer da nossa redempção, o Deus da Nova-Luz, o Homem-Futuro...

Para breve, de M. A. Cantone—os dois poemas *Lo peregrin d'amore* (em sonetos) e *Anemos et Rome* (o Sopro e a força).

*

* *

La Verveine, de Mons, dirigida superiormente pelo notavel poeta das *Marionettes*, auctor tambem das bellas paginas de prosa *Une ville de province*, (de que mais largamente nos occuparemos,) M.^r Leon Legrave. Optima e variada collaboração, sempre, tanto em prosa como em verso, destacando a do seu illustre director e a do tambem nosso prestimoso collaborador M.^r Ary René d'Yvermont. Bellas illustrações.

D'um dos seus ultimos n.^{es} pedimos venia para transcrever, archivando-as em testemunho de gratidão, as boas palavras que M.^r Ary nelle inseriu ácerca do n.^o duplo com que a *Ave-Azul* iniciou a sua 2.^a serie.

La charmante revue portugaise *Ave-Azul* (Vizeu-Portugal) si s'avamment dirigée par l'érudite professeur Carlos de Lemos et sa femme la poétesse Beatrix Pinheiro. a su grouper l'élite des écrivains portugais et bon nombre de littérateurs français et italiens.

L'*Ave-Azul* ne tardera pas à devenir une revue d'art internationale.

Carlos de Lemos a un style plein de combativité virile, plein d'ardeur et l'on sent dans ses articles cette grâce innée des hommes de talent et des esprits forts.

Aussi doit-on admirer les belles chroniques, les belles pages de critique et surtout les audacieux combats qu'il livre pour le féminisme, car Carlos de Lemos est un vaillant, un défenseur ardent de la cause de l'émancipation de la femme qu'il défend dans l'*Ave-Azul* avec Beatrix Pinheiro.

J'ai lu et relu bien des fois «*Doas Almas*» (*Deux âmes*), nouvelle de Beatrix Pinheiro où les sentiments sont si finement ciselés. *Doas Almas* est un petit chef d'œuvre digne de nos meilleurs écrivains.

Puis ce sont des vers délicieux, *Flores exoticas* de l'illustre J. Agostinho d'Oliveira, *Carnaval*, de Sanches da Gama, tableau frappant des bals champêtres. Vient ensuite la galerie poétique féminine, et ce sont des vers, toujours des vers. — *Trovas*, de Maria Velleda, *Vigília* de Florença Pereira de Moraes, etc. Tous noms connus, tous noms célèbres, ou en passe de le devenir.

*

* *

Chronica:—Começou de publicar-se, em Lisboa, sob a accurada direcção do sr. Luiz da Silva, esta excellente revista *A Chronica*, seguindo honrosamente as tradições do acreditado *Gabinete dos Reporters* que veio substituir.

Bôa collaboração em prosa e em verso. Tem publicado successivamente os retrato e biographias: de Zacharias d'Áca; Gomes Leal; D. Anna de Castro Osorio; D. Angelina Vidal, etc. O ultimo n.^o recebido é consagrado á *Empresa da Hist. de Portugal*, trazendo na 1.^a pagina os retratos dos cavalheiros que a compõem: Srs. José Ferreira de Moraes, Henrique Marques, Alfredo David e Augusto da Silva Neves.

As nossas saudações, com muitos agradecimentos também pelo bello folhetim em que o illustre publicista sr. José de Macedo, num dos n.^{os} passados da *Chronica*, se occupou da *Ave-Azul*.

*

* *

A *Tradição*, de Serpa:—Iniciou a sua 2.^a serie esta excellente revista d'ethnographia portugueza, elegantemente illustrada e superiormente collaborada por os nossos mais distinctos homens de letras:—Dr. Adolfo Coelho, D. Carolina Machaëlis, D. Sophia da Silva, Dr. Sousa Viterbo, Dr. Theophilo Braga, e outros.

Muito melhorada sob o ponto de vista typographico, a *Tradição* por todos os motivos se torna merecedora do melhor acolhimento e os seus illustres directores srs. Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes, dos mais calorosos applausos.

*

* *

Notas de um Provinciano:—O sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, de quem ainda ha pouco aqui apreciamos o bello romance d'estudo social *Transiado*, enviou-nos, o que muito agradecemos, os n.^{os}, publicados, das suas *Notas de um Provinciano*, onde o seu alto espirito vae dia a dia archivando as impressões que lhe deixam os casos da nossa vida nacional e ainda os livros que lhe poisam sobre a banca.

Bellas e optimas paginas as d'estas suas *Notas*, dignas, muito dignas de que todos nós bem as lessemos, melhor as meditassemos, e da sua leitura e meditação tirassemos a correção moral de que todos tanto precisamos.

*

* *

Sociaes: de João do Minho.—Cremos que é já um escritor muito conhecido o redactor d'estas paginas: deve sel-o:—porque sabe, como poucos, dizer o que quer. Mas o que elle innegavelmente é, é um excellente character, um grande coraço: assim, sabendo dizer muito bem o que quer, a verdade é que melhor ainda sabe querer só o que deve querer. E' um destemido campeão da Justiça e da Verdade: e estas paginas das *Sociaes*, nervosas e rubras, são, e hão-de continuar a ser, uma excellente obra de propaganda pelo bem de todos.

Na *Tribuna dos Intellectuaes* optimas paginas de Th. Braga e Pinho Negro.

C. DE L.

CARTEIRA DA AVE-AZUL

Mr. Ary René d'Yvermont (A. Parthenis):—D'este illustre poeta, que abrilhanta a *Salla de Visitas* d'este n.º com uns esplendidos versos que a *Ave-Azul* muito e muito lhe agradece, recebemos a amabilissima participação do nascimento d'uma filha que recebeu na pia baptismal o nome de Bettina Briséis Armandina. Registando o fausto successo, temos a satisfação de informar os nossos leitores de que tanto a pequenina Bettina, como sua ex.^{ma} Mãe, M.^{me} Parthenis, em solteira M.^{lle} Julienne Touvoye, passam optimamente de saude: pelo que, como pela vinda do querido anginho com que o Ceo se dignou abençoar-lhes o venturoso consorcio, a ambos enviam os Directores da *Ave-Azul* cordealissimas felicitações. .

*
*
Mr. Philéas Lebesgue: —Agradecendo a este illustre poeta, em nome d'ambos e de J. Agostinho d'Oliveira, os primorosos sonetos que se dignou enviar-nos, aproveitamos o ensejo para informar os nossos leitores de que este nosso amigo e distincto collaborador anda preparando uma *Anthologie des poëtes portugais contemporains*, que certamente contribuirá muitissimo para gloria das nossas Lettras em França, se, a par do indiscutivel esmero das versões, attento o conhecimento profundo que da nossa lingua possui, houver, como é natural que haja, o maior cuidado na escolha dos especimens: assim será essa Anthologia — e ha-de sel-o, porque só por excessiva amabilidade, que não por mingua de apurado criterio e bom gosto, é que elle poderia prejudical-a no que respeita á selecção — assim ha-de ser essa Anthologia um bello monumento litterario para os dois paizes: o nosso, cuja litteratura ficará sendo assim mais e muito mais conhecida lá fóra e apreciada, como merece; e o d'elle, a gloriosa França, que, não contente com ser patria de grandes genios e inspiradora de bellas obras, ainda, como para pôr o justo coronal aos seus meritos, se constituiu archivo de tudo o que de melhor ha produzido e vae produzindo a Humanidade, a cujas figuras primacias ella confere a glorificação mais ambicionada. E porventura, porque como nós pensa Mr. Ph. Lebesgue, é que elle anda trabalhando num volume de *Essais*, onde fará desfilar, como numa escada de Jacob em que apenas houvesse a ascensão, as individualidades mais conspicuas do mundo helleno-latino contemporaneo — obra esta que, pela sua magnitude, lhe tomará ainda largos tempos.

* * *

Pedro Fontellas: — Ha-de haver uns bons vint'annos (como a gente se faz velho quasi sem o sentir! . . .) ha-de haver uns bons vint'annos, dois rapazes que mal começavam então a deletrear o francez do La Place, lembraram-se de mandar para um jornal de Villa Real, (a *Juventude* de Carlos Callixto, se me não engano,) as primicias do seu engenho poetico, assignadas com um pseudonymo-anagrammatico em que, como nos bons tempos da cavallaria, ao nome do auctor ia estreitamente ligado o nome da dama que seus versos inspirava.

Um d'elles era o pobre de mim, que estou espremendo o melhor das minhas saudades sobre estas linhas: o outro . . . o outro assignava-se então Petrocelio Martins: e, com o seu verdadeiro nome de Pedro Fontellas, diz-nos no soneto *Resurgo*, que vae na *Salla de visitas* d'este n.º, todo o ineffavel enebriamento da felicidade que lhe enche o Lar.

Pedro! os meus braços não chegam ahi; mas a minha alma corta num vôo estas leguas para vos cingir num abraço — a todos tres.

* * *

Terra d'Exilio, de Severo Portella:—Os leitores lembram-se das paginas em que d'esta obra me occupei? Eu, se a ellas alludo, é de satisfeito por ver o bello acolhimento que o *Terra d'Exilio* teve, lá fora, da parte de illustres homens de letras que em coisas nossas se interessam.

Assim é que do insigne traductor de Th. Braga e de Eug. de Castro, sr. Com. Antonio Padula, vimos na excellente revista *Patriziato Catholico*, com largos excerptos, notavelmente traduzidos, dos cap. I, VI e VII, uma elogiosa critica, d'onde, por mingua d'espaco, apenas transcreveremos as seguintes linhas:

E' questo un lavoro serio, eminentemente morale, in cui si innegia al socialismo nella sua essenza più pura. Scritto in prosa, non cessa però di essere un poema, che ricorda per lo stile le pagine fatidiche della Biblia e solleva il cuore e la mente con la sommissione al volere e ai decreti di Dio, con la fede nell'amore e nella protezione di lui.

O illustre poeta e scintillante estylista Mr. Ary René d'Yvermont, num dos n.ºs da *Verveine*, escreveu tambem, acerca do *Terra d'Exilio*, entre outras coisas, o seguinte:

C'est un livre empreint de tristesse et de mysticisme: l'auteur a su dans une phrase légère marier le lyrisme de la pensée et du style, à l'idée même de l'oeuvre. . . L'auteur a dû connaître, jeune encore, les étapes douloureuses de la souffrance et des désillusions. *Terra d'Exilio* est le reflet de l'âme

portugaise, c'est le miroir de la nouvelle génération des descendants de Camoens, c'est en un mot, le précurseur de l'école à venir.

E finalmente o illustre escriptor, e critico de incontestavel merito, sr. Antonino Mari, que ultimamente se dedica com muito amor e muito bom gosto ao estudo da litteratura portuguesa, publica na bella revista *Aspasia*, Revista d'Arte, primorosamente dirigida pelo sr. Piero Delf. Pesce, a elegantissima versão do 2.º cap. *A Encosta*, excerpto da versão que está preparando do volume todo.

De todo o coração nos associamos ao triumpho de Severo Portella, satisfeitissimo por vermos assim garantido pelos competentes o juiso que da obra fizemos.

*
*
Liga Portuguesa da Paç:—Fez no dia 18 um anno que, sob a presidencia da illustre romancista e publicista, sr.ª D. Alice Pestana, se fundou, em Lisboa—com séde na Rua dos Prazeres, 87—a *Liga Portuguesa da Paç*, que se honra de ter iniciado a sua humanitaria propaganda, em prol da pacificação geral, pelo protesto «contra o inqualificavel procedimento do Estado Inglez para com a florescente e esperançosa republica do Transwaal». Liga que tão bem se estreou ha-de ver, por sem duvida, coroados os seus esforços do melhor exito num futuro mais ou menos proximo.

A *Ave-Azul*, cujos directores a *Liga* honrou com o titulo de seus correspondentes nesta cidade, commemora em jubilos o dia 18 de maio, data da fundação da *Liga Portuguesa da Paç* e da abertura da Conferencia Inter-governamental de Haya:—dois factos destinados a exercerem a mais salutar influencia, aquelle, na nossa Patria, este, na Humanidade.

*
*
Antonio Padula:—Este illustre homem de letras acaba de ser nomeado Fidalgo Cavalleiro da Casa Real. Porque tal graça vem apenas sobredoirar-lhe a ingenita fidalguia de coração e d'espírito, muito do coração com s. ex.ª nos congratulamos, enviando-lhe as mais entusiasticas felicitações.

*
*
Constança, poema de Eugenio de Castro:—Escripto e já composto, deixou afinal, por um equivoco, de ser publicado neste n.º da *Ave-Azul* o artigo em que d'esta ultima obra do primacial poeta nos occupavamos. E, porque o poema *Constança* é dos poucos que não perdem nunca a actualidade, irá no proximo n.º o artigo: e por agora, ao nosso amigo pedimos apenas que nos desculpe a demora involuntaria.

C. de L.